

HISTÓRIA DO BREJO DA MADRE DE DEUS

1724 - 2003

Volume II

Newton Thaumaturgo



HISTÓRIA DO BREJO DA MADRE DE DEUS

1724 - 2003

Tomo 2º
(Total 6 Tomos, 50 Capítulos)
Capítulos de Nos. 14 a 28

Volume II

Newton Thaumaturgo

***HISTÓRIA DO BREJO
DA MADRE DE DEUS***

1724 - 2003

VOLUME 2

Newton Thaumaturgo

*HISTÓRIA DO BREJO
DA MADRE DE DEUS*

1 7 2 4 – 2 0 0 3

*Tomo 2º.
(Total 6 Tomos, 50 Capítulos)
Capítulos de Nos. 14 à 28*

VOLUME 2

Newton Thaumaturgo

TRABALHOS DO AUTOR

História de Panelas - Terra dos Cabanos - 1ª. Edição 1980

História de Panelas - Terra dos Cabanos - 2ª. Edição 1998

O Barão de Buíque - também Barão do Poço - 1993

Políticos no Agreste - fatos curiosos - a publicar

História do Brejo da Madre de Deus - 1º. Volume- 2001

História do Brejo da Madre de Deus - 2º. Volume- 2003

Outros trabalhos em forma de crônicas já foram divulgados em jornais pernambucanos e serão brevemente publicados em livros.

VOLUME I

ÍNDICE

<i>Hino do Brejo da Madre de Deus</i>	
<i>Introdução</i>	
<i>Prefácio</i>	
<i>Dedicatórias</i>	
<i>Homenagens</i>	
<i>Capítulo I- As Pesquisas</i>	
<i>Capítulo II- A Fundação</i>	
<i>Capítulo III- A Formação</i>	
<i>Capítulo IV- Denominação, desmembramento, etc.</i>	
<i>Capítulo V- O Visitador Eclesiástico</i>	
<i>Capítulo VI- As provas da Fundação</i>	
<i>Capítulo VII- Vigários e Párocos</i>	
<i>Capítulo VIII- Balanços Contábeis</i>	
<i>Capítulo IX- Patrimônio de São José</i>	
<i>Capítulo X- A briga com o Capitão Izidoro</i>	
<i>Capítulo XI- Escravos</i>	
<i>Capítulo XII- Cadeia Pública</i>	
<i>Capítulo XIII- "São José do Tôco"</i>	

VOLUME III

Índice

Capítulo XXIX Doro Amaral.....

Capítulo XXX "Seu" França Araújo.....

Capítulo XXXI Alípio Magalhães - "Sinhôzinho"

Ilustrações diversas com fotos antigas legendadas

VOLUME IV

Índice

<i>Capítulo XXXII</i>	<i>Conflitos políticos</i>
<i>Capítulo XXXIII</i>	<i>Sargento Cafinfin.....</i>
<i>Capítulo XXXIV</i>	<i>Cônego Duarte.....</i>
<i>Capítulo XXXV</i>	<i>Dudu Queiroz</i>
<i>Capítulo XXXVI</i>	<i>Pessoas e fatos curiosos.....</i>
	<i>Ilustrações com fotos antigas legendadas.....</i>

VOLUME V

Índice

Capítulo XXXVII Heróis da Guerra do Paraguai.....

Capítulo XXXVIII Miscelâneas históricas.....

Capítulo XXXIX Gustavo Falcão.....

Capítulo XL Prefeitos, Ruas e vultos do Brejo.....

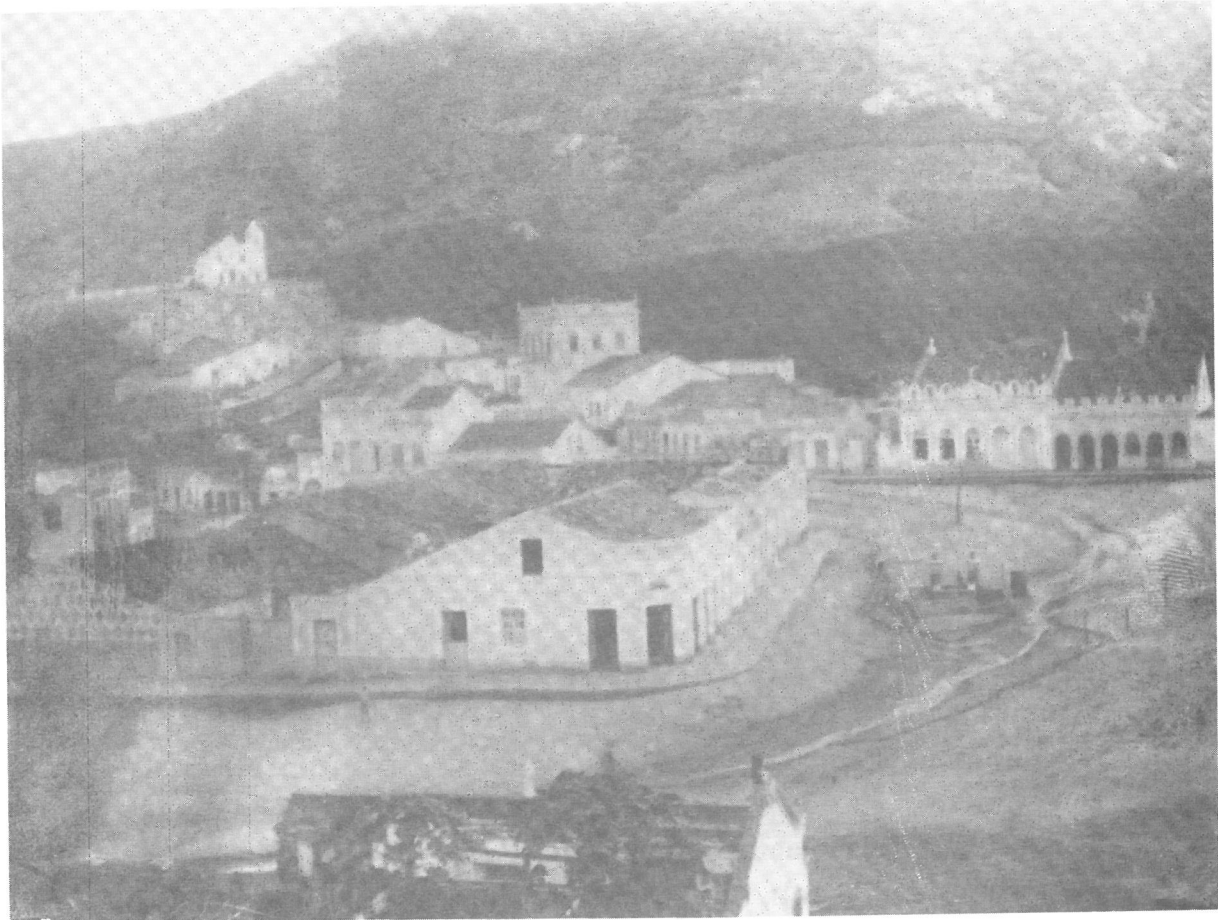
Ilustrações com fotos antigas legendadas

VOLUME VI

Índice

<i>Capítulo XLI</i>	<i>Bispo de visita o Brejo em 1836.....</i>
<i>Capítulo XLII</i>	<i>Posturas municipais</i>
<i>Capítulo XLIII</i>	<i>Dados gerais do Brejo nos anos 1884/1890..</i>
<i>Capítulo XLIV</i>	<i>Conflitos de limites Brejo/Pesqueira</i>
<i>Capítulo XLV</i>	<i>A Família Cordeiro e sua ação política.....</i>
<i>Capítulo XLVI</i>	<i>Importantes registros históricos.....</i>
<i>Capítulo XLVII</i>	<i>"Os Cahetés"- Cantata nacional de 1824....</i>
<i>Capítulo XLVIII</i>	<i>Um Juiz ilustre - Dr. Anselmo Perretti.....</i>
<i>Capítulo XLIX</i>	<i>Dr. Félix Peixoto.....</i>
<i>Capítulo L</i>	<i>Surgiram Cidades, Prefeitos e Câmaras...</i>

FIM



Vista do Brejo Antigo



O Brejo é da MADRE DE DEUS e assim permanecerá, o que é uma honra e uma felicidade.

Apresentação

Coube-me a honra e a responsabilidade da apresentação do Volume II, da "História do Brejo da Madre de Deus". Isto é decorrência do reconhecimento, pelo autor do livro, da minha descendência direta do fundador deste querido município. Aliás, é por esta razão que me incluo no Capítulo a "Família Cordeiro e sua ação política", Volume VI.

Sempre quis entender o porquê da tradição e da riqueza cultural do Brejo da Madre de Deus. O que me vem à cabeça e que tudo começou com vislumbre inteligente das primeiras famílias que aqui chegaram.

Está o Brejo geograficamente situado em terra de "Brejo de altitude", de clima ameno, terras férteis e água em abundância. Estas características despertaram, assim, nos desbravadores, local ideal para atividades socioeconômicas. Não é de admirar que pessoas de casta tão alta tenham feito uma história tão rica e profícua como a da nossa Brejo da Madre de Deus. Provém daí o destaque e o diferencial de nossa terra com relação a outras plagas circunvizinhas. Isto porque seu povo não

ficou restrito à atividade agro-pastoril, expandindo sua atuação com destaque nas letras, no campo jurídico, na educação, na saúde, no comércio e na religião. Destaque também nas artes e sobre tudo na política. Esta atividade, aliás, projetou vários filhos desta terra em nosso Estado e no âmbito nacional.

É sem dúvida alguma o nosso Brejo uma terra abençoada. E, em meio a tudo isto, surge uma estrela brilhante, o gesto de Newton Thaumaturgo, autor desta obra literária. Este baluarte da terra brejense, para início de dissertação de vida e obra desta figura de proa, é mestre, e também autodidata, com parâmetro acadêmico em Direito Público, ramo especial do Direito, pois influi diretamente no bem comum de toda a sociedade.

Palestrante renomeado no meio acadêmico em todas as áreas dos poderes públicos, é também cronista, jornalista, escritor, político orador e sobretudo um emérito historiador. Desponta como o único a discorrer, com precisão, sobre a crônica fiel desta terra. E, para mim, Newton Thaumaturgo é a maior expressão intelectual que já palmilhou solo brejense. A meu ver, deve muito o Brejo da Madre de Deus a este grande homem.

Podemos dizer que, nesta cidade há um déficit na área de educação e Cultura, falha essa que sinaliza a falta de

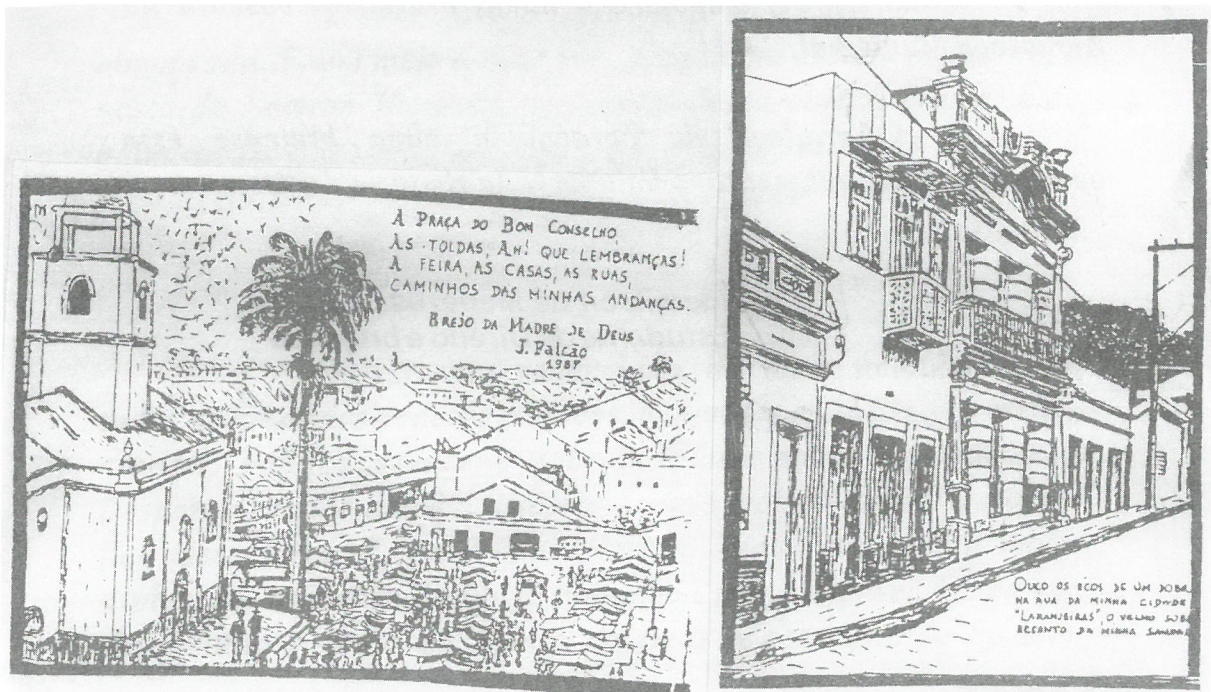
matéria curricular no que tange à História do Brejo nas escolas do município.

Lance-se a débito na conta dos políticos legisladores, para que assim eles acordem e tratem de oficializar este projeto, para não correremos o risco de ver o imenso trabalho de Newton Thaumaturgo, empoeirado numa prateleira obscura da Biblioteca Municipal.

Agradeço de coração e alma brejense esta oportunidade de apresentar o Volume II da História da nossa terra.

Ademilson de Menezes Cordeiro
Estudante de Direito e brejense

À José Falcão



PREFÁCIO

*"Eu nasci no município
De José, pai de Jesus
Lá do alto do Cruzeiro,
Ele vela os filhos seus.
Eu nasci numa terra linda,
O Brejo da Madre de Deus!*

Sobre essa terra linda, o autor, Newton Thaumaturgo, traz aos brejenses, aos pernambucanos, aos brasileiros enfim, a "História do Brejo da Madre de Deus", tão esperada por quantos sabem de sua riqueza, de sua beleza, de seu pioneirismo, mormente tratar-se da narração histórica de um dos mais antigos municípios do Estado de Pernambuco.

Quis o escritor, após incessantes pesquisas para escrever a sua obra, tanto quantas lutas para publicá-la, que um filho do Brejo fosse o seu prefaciador. Para nós, uma grande e grata responsabilidade que, em última análise, significa uma forma de representar aqueles que, como nós, nasceram nessa querida terra.

Alguém já nos disse, e não nos recordamos quem, que o prefácio de um livro é aquela parte que, em geral, escreve-se no fim, coloca-se no começo e ninguém lê. Menos por nós e mais pelo autor, pela pesquisa, pelo interesse, pela obra em si, pela

descrição de fatos históricos de um município que fez história, cujos momentos de vida, a tantos entenece, gostaríamos que o contrário acontecesse. Seria dizer um pouco de Newton Thaumaturgo e sua obra, na visão de quem, mesmo sem privar de sua maior intimidade, fez jus à sua confiança, ao receber de suas mãos os originais da História do Brejo da Madre de Deus. Na visão de quem sempre se mostrou interessado por tudo que diz respeito à sua terra e que cobrava dos seus filhos ou daqueles que assim se tornaram, pelo amor irrestrito que aprenderam a dedicar ao Brejo, a publicação da história do seu município.

Deixamos o Brejo, numa longínqua manhã de domingo, em abril de 1941. Muitos anos após, na década de 70, voltamos ao Brejo; desta vez acompanhado de mulher, filhos e familiares. Para que pudessem sentir o que era amar o Brejo, vez que durante anos, ouviram e sentiram eles o calor, o sentimento e o nosso orgulho natural, tanto quanto de outros brejenses que conosco conviveram. No caminho, a demora e a ansiedade eram inquietantes. Havia uma vontade incontida de ver, sentir e avaliar essa terra tão falada. De repente, o Brejo! toda, ou quase toda a cidade à vista, do alto da estrada velha que nos conduzia a ela, passando por Jaracatiá. Próximo à casa do velho Antônio Coelho, vislumbrava-se a pérola da nossa infância, os recantos da nossa saudade e a imagem do que será eterno. Era a visão completa daquele anfiteatro natural, entre as Serras da Prata, do Ponto e do

estrago. Cenário de imorredouras recordações. De pronto, a visão do nosso nascer, do nosso crescer; da gente, das casas, das ruas, dos amigos, da escola, das igrejas, das festas, de seu chão fértil e de tantas coisas mais.

Tudo isso é o que descreve nesse livro, o Jornalista Newton Thaumaturgo, nascido no Recife e profundo estudioso da história do Brejo da Madre de Deus. Como bem diz ele, amar o Brejo já é ser brejense.

A história municipal tem como órgão de máximo incentivo o Centro de Estudos de História Municipal, criado no interior da Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco -FIAM. No professor Luiz Delgado, já falecido, teve um "pioneiro" e "defensor constante da história local", como diz o próprio autor.

José Luiz Delgado, a quem também muito se deve, pelo incentivo e grande trabalho prestado à história municipal, assim se refere em artigo sobre o assunto :

"De há muito Pernambuco se destaca no cenário nacional por reunir um contingente extremamente significativo, pela qualidade e pela quantidade, de memorialistas, cronistas e historiadores dedicados à memória do pequeno universo local em que nasceram - outro traço de pioneirismo pernambucano em matéria de culto do passado". Como bem descrevia ele, podemos dizer que Newton Thaumaturgo faz parte dos "pesquisadores que já trabalhavam por conta própria e por próprio amor". Não é um

iniciante e se propõe a escrever a crônica do Brejo, levantando todo o seu passado, numa incessante e paciente busca de muitos anos. Após a detida e prazerosa leitura dos originais desse livro, não temos dúvida que o autor é realmente um pesquisador de história, não deixando influenciar pelas asas da fantasia que, se predominantemente forte, o conduziria ao perigoso terreno do romantismo histórico.

De certa feita, conversávamos com Luiz Wilson, médico, memorialista notável e poeta, sobre a História do Brejo da Madre de Deus, já em andamento e que ora apresentamos. Ele nos dizia então: "quero ver essa história do Brejo, que tem ser bem escrita, pois é de uma imensa riqueza e que a muitos interessa". O Brejo, dizia ele, "é uma espécie de mãe"! Tantos municípios já tiveram a sua história contada. O Brejo não poderia ficar a reboque por tanto tempo. Os seus filhos, sobretudo, tanto quanto os demais pernambucanos, aguardam a publicação das memórias dessa tradicional e antiga comuna municipal. Parte dessas memórias foram por nós vividas na infância, às quais damos o nosso testemunho. As famílias Falcão, Queiroz, Cordeiro, Muniz, das quais diretamente descendemos, se entrelaçam com as famílias Marinho, Maciel, Campos, Araújo, Batista, Amorim, Tavares, Magalhães, todas intrinsecamente ligadas à história do município. O Brejo é pois, uma grande família.

A curiosidade, diz Newton Thaumaturgo, foi a origem deste pequeno livro sobre a História do Brejo da Madre de

Deus. A curiosidade do jornalista, que o levou à pesquisa histórica e a modéstia do homem, que o levou à escrever "um pequeno livro". Um pequeno livro sobre uma grande terra. Uma grande coragem de um homem simples. A partida foi alimentada pelo amor ao Brejo, incentivada pelo amigo Cônego Duarte Cavalcanti, pároco de então, que lhe fez dispor do quase bicentenário arquivo paroquial. A "Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros" e as estórias do boca a boca, o arranque inicial. No mais, os documentos imprescindíveis e as mais diversas fontes, a serem diligente e pacientemente consultadas, por quem se dedica a uma tarefa dessa natureza. A expectativa de quem espera o contar dos fatos que aconteceram nesses mais de duzentos anos do Brejo da Madre de Deus, é representada simbolicamente no palpitar do Coração daquele que nós chamamos o patriarca do Brejo, Alípio Magalhães da Silva Porto, o Sinhôzinho; 96 anos de vida exemplar, de amor e dedicação ao Brejo. Na sua lucidez quase centenária, a ânsia inquietante de quem tanto participou dessa história e de quem tanto se interessou por ela. Muitas informações foram por ele transmitidas ao Newton Thaumaturgo.

Nas pesquisas iniciais, fala-nos o autor de uma quase polêmica sobre a data e local da fundação do Brejo da Madre de Deus, entre Mário Melo e José Queiroz, Jornalista e ex-Prefeito do Município. É de todos conhecido a existência de tribos diversas em localidades próximas à cidade do Brejo. Sobre a fundação do Brejo da Madre de Deus, antes mesmo da publicação deste livro, o autor entrou em polêmica com estudiosos da nossa história, a

respeito do fundador ou fundadores, aparentemente discordantes que são as suas opiniões. Para Newton Thaumaturgo, que se baseia na "Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros", nos arquivos da paróquia e demais pesquisas, o município do Brejo, surgiu na localidade denominada Tabocas, ainda hoje existente, onde se estabelecera o português André Cordeiro. Diferencia ele, quanto ao nascimento do município, que aí teria iniciado, e o nascimento da cidade do Brejo, a qual foi fundada pelos padres recoletas da Congregação de São Felipe de Nery.

No Capítulo IV, que trata da denominação, desmembramento, freguesia e patrimônio, o autor nos diz que "a fundação do Brejo da Madre de Deus, foi em 1751 e a da cidade em 1752, "todavia, diz também com muita evidência, o seguinte: "que a uns trezentos anos passados, aqui em Brejo, havia se fixado o português André Cordeiro, tendo povoado o lugar Tabocas, onde residiu." Comparando com as pesquisas pessoais e penosas, o autor faz referência que no arquivo paroquial encontrou um registro de óbito, em livro de 1818, de uma mulher que contava 75 anos de idade, casada, residente no Brejo e que, por dedução, nascera no ano de 1743, antes portanto da chegada de padres recoletas. Apresenta ainda o autor, dados que justificariam a discordância existente no tocante à doação das terras à freguesia do Brejo, ainda não criada à época.

As terras, conforme o autor, e com base em suas pesquisas, seriam do lusitano André Cordeiro.

No capítulo IX o autor volta às "provas da

fundação", dizendo tornar-se "até enfadonho, tantas notas com relação a um só fato". Fato que o autor afirma não ser de sua criação, mas com base em "acuradas pesquisas". Em "Memórias Históricas da Província de Pernambuco", volume 1, páginas 68/69, o autor, José Bernardo Fernandes Gama, registra que a "a Villa do Brejo foi erecta no ano de 1833".

Diz mais, que "há 85 anos que o Brejo principiou a ser habitado", assinalando assim que havia povoação no ano de 1748, três anos antes da chegada dos recoletas do Oratório da Madre de Deus. Com esse registro Newton Thaumaturgo coleta mais um dado em favor de seu ponto de vista que é, a seu entender e de tantos outros, o ponto de partida da existência do Município do Brejo da Madre de Deus. A publicação da FIDEPE, de 1982 e oriunda da "Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros"-1958, absorve a tese defendida pelo autor quando discorre sobre a história do Brejo da Madre de Deus. É de se perguntar, afinal: por que não a polêmica? A história do Brejo precisa ser contada, divulgada, discutida até. Esse é um desejo abençoado, sobretudo para aqueles que cultuam a terra linda, o Brejo amado, a memória de nosso querido município, de tantas e tantas tradições. Como bem já disse Gustavo Krause, por ocasião do 10º aniversário da FUNDARPE: "ao apagar o elo da tradição morre a cultura". A cultura, segundo ele, não é um bem supérfluo, significando ainda "a identidade comunitária". Saudades, lembranças, emoções renovadas! é o mínimo que sentirão os brejenses e todos aqueles que gostam do Brejo, ao lerem as páginas

dessa obra que o autor nos oferece, fruto de um denodado esforço, digno do nosso reconhecimento. Revivemos a nossa infância, as nossas vidas, os nossos elos.

*Nas ruas de nossa terra, nas casas de nossas ruas.
Um momento, uma pessoa, uma lembrança, uma saudade:*

***Ouçó os ecos de um dobrado
Na rua de minha cidade
"Laranjeiras", o velho sobrado,
Recanto da minha saudade.***

Tipos populares retornam às nossas mentes: Sá Aninha, Badé, Cajarana, Seu Cícero, Neco Cabecinha e tantos outros. A professora, D. Glorinha, mestra de muitas gerações, hoje aposentada. Convivendo com alunos apimentados como "Beca de Doro", Toinho de "seu" Gustavo, o Sarará e Luiz de D. Laura, mais tarde o famoso Silveirinha, destacada figura do rádio pernambucano e há pouco tempo falecido. O Cine Carlos Gomes, ao lado da Igreja do Bom Conselho é ponto de encontro da antiga sociedade brejense. Com Amaro Maciel, o "Marú", deleitando a todos com o seu trombone e acompanhamento, enquanto, na tela desfilavam os astros de então. Tudo, em plena mudez. Lá estavam, Tom Mix, Tim Mc Coy, Hoot Gibson, Bufallo Bill, Richard Talmadge, Bucky Johnes, Bob Steele, os preferidos "cow-boys". Lembramo-nos dos carnavais; os entrudos, as limas de cheiro, os blocos, a "La Ursa". A tradicional rivalidade, os carnavalescos

do Brejo e de Fazenda Nova, distrito querido e famoso. Aliás sempre desejoso de emancipação. Em destaque, desde a inauguração de sua fonte de águas minerais até o belíssimo espetáculo da Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém. Falar das casas senhoriais do Brejo, dos sobradões azulejados, da cadeia, das águas do cacimbão, do escorrêgo, é reviver na memória os acontecimentos que muitos viveram e transmitiram aos que lhes sucederam.

Newton Thaumaturgo é um "Jornalista Matuto", como bem o disse Albérico Magalhães Porto, que o conheceu no Brejo, ainda menino "a participar dos programas da Difusora do Cônego Antônio Duarte".

Nascido no Recife, casado com uma brejense e pai de três filhos. Iniciava como "jornalista interiorano", escrevendo para um pequeno jornal da Escola Cônego Rochael, do Brejo. Correspondente do "Jornal do Commercio, (Recife) no Interior. Ajudou na organização do Arquivo Paroquial do Brejo. Por duas vezes foi Vereador. Participou de quase todas as atividades sócio-culturais e desportivas do município. Promoveu o 1º. Encontro de Jornalistas do Interior de Pernambuco, na cidade do Brejo. Um ano após, realizou o 2º. Encontro em Fazenda Nova, com a participação de Plínio Pacheco. Em Caruaru continuou escrevendo para a Rádio Difusora e jornais "A Defesa" e "Vanguarda". Correspondente do "Diário da Manhã". Sócio da Associação da Imprensa de Pernambuco, ex-Secretário da Administrativo da Câmara de Caruaru e Assessor Legislativo

de várias Câmaras Municipais. Publicou, através da FIAM, o livro "História de Panelas- Terra dos Cabanos". Publicou ainda o livro "O Barão de Buíque -também Barão do Poço". Newton Thaumaturgo luta contra a depredação dos registros históricos: livros, placas, árvores, bustos, estátuas, documentos, pinturas e objetos outros. É, na sua simplicidade, um modesto defensor da História Municipal.

A Newton Thaumaturgo, os nossos agradecimentos pela escolha do prefaciador, jejuno em atividade que tais. A sua intenção, temos certeza, estribou-se na lembrança de homenagear os filhos do Brejo da Madre de Deus, os quais, modesta e orgulhosamente representamos. Enrequecida está, nessa obra, a memória municipal.

JOSÉ FALCÃO

Nota do autor: o prefaciador deste livro é Médico e já exerceu elevado cargo junto à Secretaria de Saúde de Pernambuco, tendo assumido por várias vezes as funções de Secretário da Saúde do Estado, mas acima de tudo, é uma pessoa humana maravilhosa, que honra sobretudo o Brejo e sua gente.

Vale salientar que este Prefácio foi escrito há alguns anos passados, razão pela qual refere-se às pessoas de Alípio Magalhães("Sinhôzinho") e da Professora dona Glorinha Aguiar como vivas, quando vieram a falecer após a elaboração desse depoimento generoso.

Homenagem aos toyoteiros

O Brejo da Madre de Deus no transcurso de sua história, teve várias denominações populares em relação aos acontecimentos sócio-econômicos, agropecuários, religiosos e políticos na sua forma mais abrangente.

Foi tido como a "terra do algodão", "terra do café", "terra do Barão", "terra da rapadura", "terra da cenoura", e ultimamente tem sido identificada como a "terra dos toyoteiros", isto é, dos proprietários e condutores de Toyota, tipo de veículo motorizado que há alguns anos vem sendo utilizado como transporte alternativo de passageiros, conduzindo pessoas às diversas cidades do Estado, notadamente à cidade de Caruaru, contando hoje com uma frota relativamente considerada a maior de Pernambuco.

Os "toyoteiros" além se tornarem em elemento de desenvolvimento para o Município, transportando produtos agrícolas diversos, gerando divisas, prestam também trabalhos no intercâmbio econômico-financeiro, bem como sócio-cultural quando transportam estudantes dentro e para fora do Município. Hoje os "toyoteiros" são fator de progresso para o Brejo da Madre de Deus.

O autor.

"HINO DO BREJO

Letra: Cônego Antônio Duarte Cavalcanti

Música: Maestro Ulisses Lima

<i>Entre as Serras do Ponto</i>	<i>O meu Brejo tem montes</i>
<i>Do Estrago e da Prata</i>	<i>Tem rios tem fontes</i>
<i>Repousa o meu Brejo</i>	<i>Tem brejos sem fim</i>
<i>Terra bicentenária</i>	<i>Outras terras não invejo</i>
<i>Cidade lendária</i>	<i>Quero sempre o meu Brejo</i>
<i>Outra terra não invejo</i>	<i>Inteirinho pra mim."</i>
<i>Quero bem ao meu Brejo</i>	
<i>Onde tem tradição</i>	
<i>Tem nobreza e tem fé</i>	
<i>Quero bem ao meu Brejo</i>	
<i>Onde impera, o senhor São José.</i>	

"HINO DO BREJO DA MADRE DE DEUS" - Trompete
(Música de Ulisses Lima - Letra do Cônego Duarts)

Handwritten musical score for Trompete (Trumpet) for the hymn "HINO DO BREJO DA MADRE DE DEUS". The score consists of eight staves of music in treble clef with a common time signature (C). The music features various rhythmic patterns, including triplets and sixteenth notes. Chord symbols such as II V, A, I V, and I V are written above the staves. The piece concludes with a double bar line and the word "Fin" written above the final note.

DEDICATÓRIAS

Dedico este livro da História do Brejo da Madre de Deus, a todas as pessoas que escreveram comigo, direta ou indiretamente, estas páginas sobre a vida dessa comunidade valorosa do Agreste pernambucano. Vale ressaltar que algumas dessas pessoas ofereceram maior parcela de colaboração, no caso os amigos de saudosa memória, Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, ex-Pároco do Brejo, principal incentivador para que eu escrevesse parte desta História em capítulos nas páginas do JORNAL DO COMMERCIO do Recife, o que ocorreu com a colaboração do inesquecível Jornalista Jorge Campello, responsável pela edição do então SUPLEMENTO DO INTERIOR daquele importante Jornal, isto semanalmente.

*Honra-me bastante em saber que este livro representa um pequeno pedaço do coração do fervoroso e autêntico brejense que foi **Gustavo Marinho Falcão**".*



Divia Pacheco, que além de ser atriz/fundadora da Nova Jerusalém juntamente com o seu ex-esposo Plínio Pacheco e familiares seus, exerceu também o mandato eletivo como Vereadora e Presidente da Câmara Municipal do Brejo da Madre de Deus. É escritora e uma guerreira amiga e leal.

POST-MORTEM

Uma dedicação póstuma toda especial ao inesquecível amigo: Sr. ANTÔNIO MENEZES, popular e profissionalmente conhecido por "ANTÔNIO DE BALE", que como mecânico implantou o sistema de alongamento de chassis de Jeep Toyota, merecendo elogios de engenheiros japoneses da fábrica desse veículo motorizado, e como cidadão comum, foi em vida uma pessoa decente e prestimosa.

IN MEMORIAM

Ao ardoroso brejense de coração, que foi o ex-Vereador e ex-Presidente da Câmara do Brejo da Madre de Deus, MANOEL RODRIGUES DA SILVA, popularmente conhecido por "São Rodrigues", também ex-funcionário do Ministério da Agricultura no Brejo, cunhado do autor deste livro, casado que era com Georgina(Geó).

Rodrigues como era chamado era filho natural de Vertentes -PE, serviu ao Exército Brasileiro durante o período da Segunda Guerra Mundial nas costas marítimas do Nordeste, sendo considerado como ex-Pracinha, e posteriormente serviu como Policial Militar de Pernambuco, ingressando depois na vida política no Brejo.

*A um amigo do Brejo:
In Memoriam*

*À memória do amigo e do Brejo especialmente, **Bento Vieira dos Santos**, carinhosamente chamado por "**Bento de Manoel Maracajá**" decorrente da origem familiar de seu genitor, que foi uma figura humana maravilhosa, sempre prestativo, quer como comerciante, quer como cidadão, inteligente e de uma visão avançada já na época em que viveu. Orgulhava-se de ser brejense.*

DEDICATÓRIA ESPECIAL

*Ao **Monsenhor Geraldo Batista**, que com vocação e dedicação sem limite à causa do sacerdócio cristão, conseguiu o seu objetivo maior, a sua ordenação como Padre da Igreja Católica Apostólica Romana. Uma grande figura humana.*

*Ao **Monsenhor José Roque da Silva**, que se orgulha de ser brejense e enaltece o povo e a terra da Madre de Deus, residindo em Caruaru, onde dirige competentemente a Paróquia de São Francisco, sendo portador de uma invejável cultura intelectual e humana.*

AGRADECIMENTOS

aos brejenses:

Dr. José Falcão

Professora Leonor Falcão

Jornalista José do Patrocínio

Professora Margarida Pinto

Professora Socorro Marinho

HOMENAGENS

In Memoriam

*Ao brejense de coração e ex-Vereador **JOSÉ CIRILO DE ALBUQUERQUE**, que em vida foi um defensor das causas locais, tendo participado como Combatente da FEB (Forças Expedicionárias do Brasil), na Segunda Grande Guerra, na Itália.*

Agradecimentos às pessoas idosas que me ajudaram espontaneamente, a escrever esta História com seus preciosos depoimentos e informações valiosas, e por serem tantas, não declinamos os seus nomes.

O autor.

In Memoriam

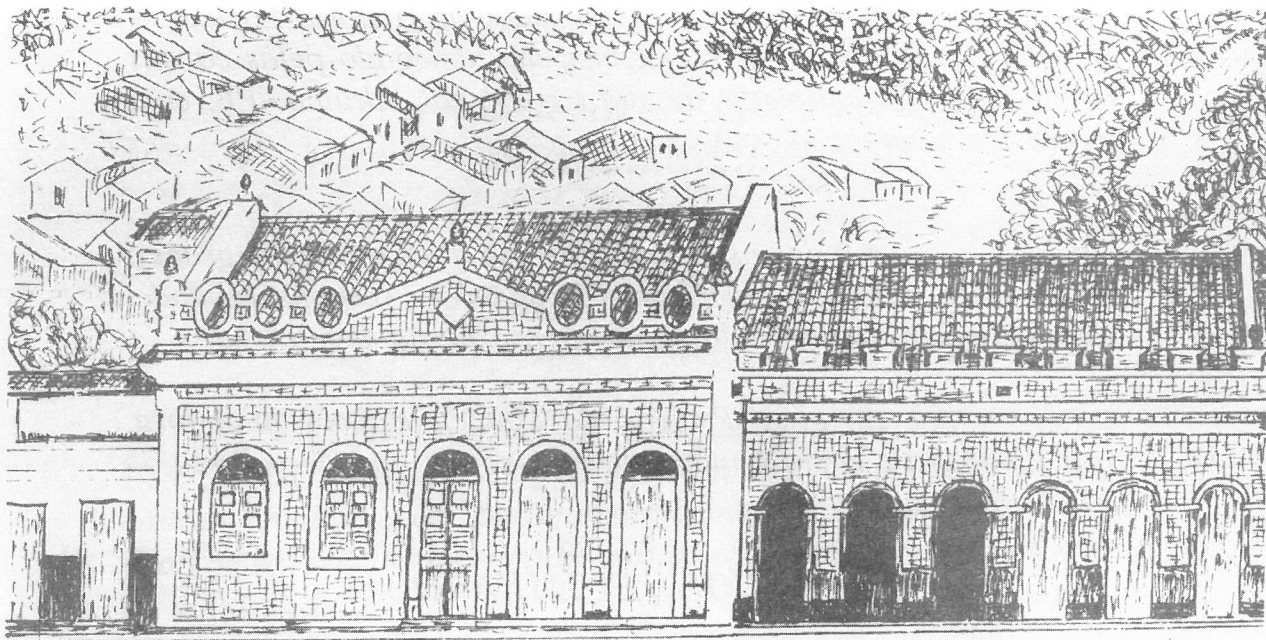
*Ao Jornalista, pesquisador de História Local, ex-Prefeito de Altinho, **Rubens Lemos**, um abnegado pelas causas municipais, especialmente de sua terra natal, Altinho -PE, com todo o nosso apreço.*

*A todos os **Vereadores** que atualmente integram o Poder Legislativo local, com coragem e responsabilidade, dignificando a confiança do povo brejense que os elegeu.*

*Ao atual Prefeito do Município **Roberto Asfora**, que dinâmica e competentemente vem administrando o Brejo da Madre de Deus.*

RECONHECIMENTO

À juventude brejense, especialmente à Juventude estudantil, pela convicção de que o futuro do Brejo da Madre de Deus não está no aumento de sua população ou de seus edifícios, mas na capacidade e inteligência dos filhos, e especialmente no amor de todos por um Brejo forte e firme nas suas decisões.



BREJO DA MADRE DE DEUS-PE
"fachadas azulejadas
e platibandas recortadas"

J. Falcão
1983

À formação religiosa do povo desta terra de São José, para que a Fé permaneça inabalável em DEUS.

Finalmente, ao DIVINO ESPÍRITO SANTO, meus agradecimentos por me haver iluminado no caminho da perseverança, mostrando-me que o Bem sempre haverá de vencer o Mal, venha de onde vier.

O Autor

DADOS PESSOAIS DO AUTOR

Nome: Newton Thaumaturgo, brasileiro, Técnico em Assessoria Legislativa Municipal, nascido em Recife-PE no dia 30 de agosto de 1937, filho de Antônio Thaumaturgo de Gervázio e Adélia Maria de Gervázio, casado com Hosana Pinto Thaumaturgo, de cujo matrimônio nasceram Newton Júnior, Anna Karollina e Rilke Marconi, sendo avô de Ageu, Luccas e Fernando Filho, Morgana, Newton Neto e Maria Júlia. Reside a muitos anos na cidade de Caruaru-PE.

É Sócio Benemérito da União dos Vereadores de Pernambuco, ex-Secretário Administrativo da Câmara Municipal de Caruaru-PE, ex-Vereador por duas Legislaturas no Brejo da Madre de Deus, foi Correspondente do Jornal do Commercio (Recife), Diário da Manhã (Recife) e outros Jornais, tendo atuado no Departamento de Jornalismo da então Rádio Difusora de Caruaru e como Sócio da Associação da Imprensa de Pernambuco (Matrícula No. 2269), promoveu Encontros de Jornalistas do Interior de Pernambuco em Brejo da Madre de Deus e Fazenda Nova.

Foi Secretário Geral das Prefeituras Municipais de Cupira e Panelas, e Assessor Especial de Prefeito de Lagoa dos Gatos - PE, cargos que exerceu simultaneamente na década de 1970, por vários anos. Atualmente é Assessor Legislativo de Câmaras de Vereadores Municipais.

Participou com aproveitamento elogiável do CURSO DE DIREITO PÚBLICO PARA VEREADORES, ministrado pela Escola Nacional de Serviços Urbanos-ENSUR, sob os auspícios da Secretaria de Planejamento da Presidência da República-SEPLAN, através da Secretaria de Articulação com os

Municípios-SAREM, em 13.01.1985-Rio de Janeiro-RJ. Fez o CURSO DE TÉCNICA LEGISLATIVA ministrado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal-IBAM- Rio de Janeiro-RJ em 1988. Fez o CURSO DE ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SECRETARIA ministrado pela ENSUR e IBAM- Rio de Janeiro-RJ em 1973. Frequentou o CURSO DE ADMINISTRAÇÃO ORÇAMENTÁRIA promovido pela Fundação Instituto de Administração Municipal-FIAM, órgão do Governo de Pernambuco, realizado em Caruaru-PE no período de 15 a 19.07.1970.

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS

Participou como convidado especial, do 1º Congresso Nacional de Funcionários de Câmaras Municipais, realizado em Blumenau - Santa Catarina, em agosto de 1986, com o seguinte programa: "O Novo Processo Legislativo"- Professor Mayr Godóy; "A Nova Organização Municipal"-Professor Castro Aguiar; "Novo Enfoque de Gerência Administrativa e Financeira das Câmaras Municipais"- Professor Raul A. da S. Neves; "Fontes de Informações para o trabalho parlamentar", - Professor Stanislau Stein; "O Vereador e o Funcionamento da Câmara Municipal"- Professor Michel Miguel Temer Lulia; "Movimentos Comunitários e a Câmara Municipal"- Professor

Luís Aureliano Gama de Andrade; no Congresso realizado em Blumenau, acima mencionado, presidiu a Mesa sobre o Painel "O VEREADOR E O FUNCIONAMENTO DA CÂMARA MUNICIPAL." Participou ainda dos Congressos Nacionais de Vereadores promovidos pela UVB (União dos Vereadores do Brasil) nas seguintes cidades e Capitais brasileiras: Brasília-DF; Rio de Janeiro-RJ; Recife-PE; Natal-RN; Fortaleza-CE; Porto Alegre-RS; São Paulo-SP; Salvador-BA; Vitória-ES; Manaus-AM; Camburiú-SC; Gramado-RS; Foz do Iguaçu-PR; tendo em uma dessas oportunidades, conduzido Vereadores de Caruaru, Brejo da Madre de Deus e outros Municípios, a conhecerem o Parlamento Argentino em Bueno Aires, e ainda a visitar cidades como Punta Del Leste e Montividéo, Capital do Uruguai e também a cidade de Assunção, Capital do Paraguai, além de outras cidades desses Países.

Participou também de Encontros de Legisladores e Técnicos Municipais nas cidades de Juiz de Fora, Minas Gerais, Pelotas no Rio Grande do Sul. Participou em julho de 1992 da 1ª Conferência Internacional do Poder Local, sob a direção do renomado Mestre em Direito Público, Professor Diogo Lordello de Mello; do VII Congresso Nacional dos Servidores de Câmaras Municipais e do 1º Encontro de Informática Legislativa, e do XXV Congresso de Técnicos em Administração Fazendária Municipal, realizado na Universidade Católica de Pelotas-RS.

Como convidado especial da União dos Vereadores

de Pernambuco foi o Debatedor com o renomado Mestre Professor Pinto Ferreira, no 1º. Encontro de Constituintes Municipais de Pernambuco, realizado no mês de fevereiro de 1989 na cidade de Caruaru-PE, quando se analisou o ANTEPROJETO DE CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Palestrante no 1º. FORUM DE DEBATES DE VEREADORES PERNAMBUCANOS, realizado na cidade de Garanhuns-PE, promovido pela UVAM (União dos Vereadores do Agreste Meridional), bem como no 2º. FORUM na mesma cidade, onde foi agraciado com uma placa metálica considerando-lhe UM DOS MELHORES MUNICIPALISTAS DE PERNAMBUCO, isto através de um processo democrático descolha por votação secreta de todos os Vereadores participantes do simpósio mencionado.

Foi autor de ANTEPROJETOS DE LEI ORGÂNICA para mais de 50% dos Municípios de Pernambuco. Proferiu palestras a convites, nas seguintes cidades entre outras: Caruaru, Cabo, Gravatá, Chã Grande, Pombos, Paulista, Olinda, Camocim de São Félix, Brejo da Madre de Deus, Garanhuns, Pesqueira, São João, Salgueiro, etc.

No dia 31 de março de 1985 a convite, foi palestrante no ROTARACT CLUB DE CARUARU, sobre Poder Legislativo Municipal, em reunião festiva realizada naquele dia, tendo recebido Certificado do aludido Club. Atualmente vem proferindo mensalmente, palestras a convite do Instituto Nacional

de Assessoria aos Municípios- INNAM, sobre assuntos técnicos em Câmara Municipais, em Capitais do Nordeste, inclusive o Recife.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HONORÍFICAS

É "Cidadão de Panelas", e do Brejo da Madre de Deus, títulos concedidos por unanimidade dos Vereadores desses Municípios; recebeu solenemente a MEDALHA DO CENTENÁRIO GRAVATÁ-1993; foi agraciado com o Certificado de HONRA AO MÉRITO da cidade de Gravatá -PE; recebeu a MEDALHA DA IMPRENSA DO INTERIOR DE PERNAMBUCO; foi distinguido por Certificados de Honra ao Mérito de vários Municípios pela colaboração que ofereceu quando da elaboração das Leis Orgânicas Municipais em Pernambuco. Parte da história de sua vida foi gravada pelo "Museu do Som e da Imagem" em Caruaru-PE.

OBRAS PUBLICADAS E A PUBLICAR:

História de Panelas-Terra dos Cabanos - 1ª. Edição 1980

O Barão de Buíque - 1993

História de Panelas-Terra dos Cabanos- 2ª Edição- 1998

História do Brejo da Madre de Deus - 1º. Volume - 2001

História do Brejo da Madre de Deus - 2º Volume - 2003

Políticos no Agreste -Fatos Curiosos- a publicar

Outros trabalhos estão prontos, sem títulos, a publicar.



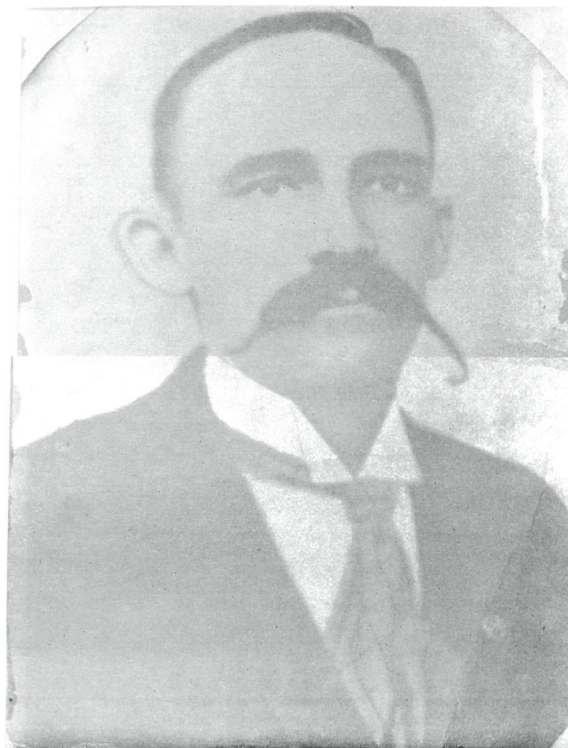
Sra. Luíza de Araújo Medeiros, (falecida), ex-funcionária da Câmara Municipal do Brejo da Madre de Deus, onde serviu por mais de 40 anos. Foi excelente colaboradora no fornecimento de informações sobre a História do Brejo que ainda não havia sido publicada.



Wilson de Queiroz Campos (D), ex-Senador e ex-Deputado Federal, ladeado pelo autor deste livro em Brasília-DF, quando da realização de um Congresso Nacional de Vereadores, tendo o aludido parlamentar brejense nato, oferecido um lauto almoço aos Vereadores pernambucanos presentes. Wilson Campos era genitor de ex-Governador Carlos Wilson Campos e do atual Deputado André Campos.



Foto da amiga do Brejo e minha também, de saudosa memória, BERENICE ARAÚJO, que foi também uma colaboradora valiosa nas informações históricas que obtivemos para formar por escrito a História do Brejo da Madre de Deus.



Capitão Frederico Cordeiro de Mello, integrante da famosa Guarda Nacional em Brejo da Madre de Deus. Descendente do fundador do Brejo, o português André Cordeiro. Residiu no lugar "Teixeira" deste Município, onde era proprietário. Homem inteligente, honesto e amigo. Foi pai de Maia, Mila e Enoch Cordeiro de Mello. Foi influente no cenário político e social do Brejo.



Ismael Cordeiro de Mello (Maia) e Maria José de Menezes Cordeiro, (Déo), de cujo casal nasceram: Ademilson, Adeilson, Maria da Soledade, Adilson, Ismael, Benildes, e Rubem Menezes Cordeiro. Foram 30 anos de uma convivência marital com respeito e amor. Deixaram saudades e amigos.

ISMAEL CORDEIRO DE MELLO, "MAIA".

Quando nós possuímos valores positivos superiores aos atos que praticamos, ou comportamentos negativos no decorrer, não de um período em especial, mas no contexto de toda uma trajetória de vida, nada mais justo do que homenagear ou ser homenageado, quer por familiares, quer por amigos, e as vezes até por pessoas que não comungaram ou que não aceitam os conceitos emitidos sobre nós, tanto como pessoa humana, quanto como ser social na sua plenitude mais ampla possível.

*Entendemos, pois, que os defeitos ou falhas que o ser humano detém ou pratica por natureza, desaparecem com a racionalização dos atos bons, isto em qualquer campo de atividade da pessoa humana, daí a indagação: "quem, como pessoa humana nunca pecou?", até se diz filosoficamente, que **"errar é humano, mas permanecer no erro é burrice."***

O Município do Brejo da Madre de Deus situado no Agreste pernambucano, e que nos primórdios de sua constituição era considerado como fazendo parte da zona fisiográfica chamada Sertão, tem sido berço de filhos notáveis, nos mais distintos setores de atividades, registrando-se competentes Professores, Médicos, Padres, Advogados, Políticos, Comerciantes, Músicos, Poetas, Agricultores, Pecuaristas, Atores e Atrizes, etc.

Mas vamos nos referir à figura de um brejense nascido na zona rural do Brejo da Madre de Deus, mais

precisamente no lugar denominado "Sítio Teixeira", chamado **ISMAEL CORDEIRO DE MELLO**, com o cognome carinhoso de "**Maia**", onde residiu durante a sua infância com os seus pais, cujo genitor era proprietário ali, e Oficial da famosa Guarda Nacional do Brejo, o legendário **Capitão Frederico Cordeiro de Mello**.

Teve uma educação rígida do genitor, não só pelas contingências de uma época onde o respeito aos idosos e família, era como um mandamento religioso, e daí a formação de caráter invejável, a responsabilidade com o trabalho cotidiano, com o estudo e a atividade social do universo onde vivia.

Tornava-se até estranho para outras pessoas, quando Maia (Ismael) cumprimentava os seus irmãos Enoch e Misael (Mila), com o tratamento de senhor, ou seja, ao encontrá-los (e vice-versa), dizia: "Bom dia, "Sêo" Enoch! ou "Bom dia Sêo Mila". E eles respondiam : "Bom dia, Sêo Maia, como vai?". E assim por diante. Foi assim que o seu pai educou os filhos.

Muito inteligente e tendo estudado com bons professores públicos e particulares no Brejo de outrora, Maia destacou-se por passar a integrar funções públicas ligadas à cultura intelectual como autodidata, gostando do dom da oratória, do discurso político e social, da declamação poética, e posteriormente, como Assessor Administrativo junto à Prefeitura local, cujo de então Prefeito, ele ajudou a eleger; depois como Escrivão da Delegacia de Polícia, que naquela época na grande maioria das vezes, era ocupada por Delegado pouco alfabetizado, nomeado sem concurso público, sempre um Militar da Polícia de

Pernambuco indicado pelo Chefe Político do Município, que nada entendia da elaboração de inquérito policial, com raras exceções, e Maia era quem conduzia esses processos, sempre atencioso, respeitoso e justo, pois não se tem conhecimento de que alguém tenha sido por ele prejudicado nesse sentido. Maia além de inteligente, preparado nas funções que exerceu, era de notável do Brejo para o cargo então existente, com a nomenclatura de "Advogado dos Presos Pobres".

Outra face de Maia, era a sua alegria espontânea, e a sua convivência social em todas as camadas, da então sociedade organizada, que naquela época era preconceituosa, mas que com as mudanças políticas que foram aos poucos sendo implantadas na década de 50, derrotando-se eleitoralmente as ditas elites que há anos e anos detinham o poder político, a situação passou a ser diferente, e a classe média e pobre começou a participar de várias atividades sociais, políticas e administrativas, adotando-se até o sistema de mutirão para na realização de obras que o Município (Prefeitura) não dispunha de recursos para fazer. E Maia sempre presente, e o interessante que nunca quis ser candidato a nada. Sempre ajudando a outros amigos e correligionários.

Era público e notório no Brejo da Madre de Deus: nas comemorações dos festejos juninos, "Quadrilha de São João" sem ser marcada por Maia, não tinha muita graça. Era um exímio marcador e organizador de "Quadrilha junina".

*Maia foi um baluarte nas realizações festivas no Município, quer nas inaugurações de obras públicas, onde faziam discursos vibrantes, quer nas coordenações de desfiles cívicos, como 7 de Setembro, Aniversário da Cidade, quer nos atos religiosos (Festa do Padroeiro São José), como por exemplo a sua presença nas então quermesses ou leilão, onde se vende as "prendas" ofertadas pelos agricultores e pecuaristas, e povo em geral, num leilão de muita disputa pública para saber quem leva a prenda, sempre vendida acima do valor real, cuja renda era revertida em favor da Paróquia para as despesas da Festa, onde normalmente convida-se o Bispo e outras autoridades que ficam hóspedes do Pároco local, além de ornamentações da igreja, andor, fogos de artifícios, pessoal, etc. Maia sempre se fez presente ajudando, era um excelente leiloeiro. Sempre esteve participando nas animações dos Pastoris Infantis beneficentes, como apresentador. E foi por tudo isto que o então e sábio Pároco do Brejo, o Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, de saudosa memória, referindo à pessoa e ao trabalho de Maia, certa vez disse: "**Maia é o homem dos sete instrumentos**", aludindo as diversas atividades por ele Maia exercidas. Foi carpinteiro e pedreiro (construtor de casas) dos melhores; artesão qualificado na confecção de objetos de madeira, Mestre de Cerimônia, Agrimensor, e até letrista, isto é, colocava letras nas músicas políticas do seu candidato à Prefeito daquela época, etc.*

São inúmeras participações de Maia no contexto social, político, cultural e religioso do Brejo da Madre de Deus e muitas dessas participações deixam de ser registradas neste livro, porque para que se pudesse fazer isto com mais precisão, teria que ser feito um trabalho de pesquisa intenso, ouvindo depoimentos e mais depoimentos, e certamente se aumentaria a participação de Maia no dia a dia deste Município.

*Enfim, **Maia** não foi somente bom amigo, foi um grande admirador da sua terra e da sua gente. Merece os melhores encômios.*

Este é o meu depoimento e homenagem que presto a um homem que amava o Brejo da Madre de Deus, e que foi um descendente do português ANDRÉ CORDEIRO, tido pelos mais antigos moradores do Brejo da Madre de Deus, como o povoador primeiro do Município, e se ter fixado no lugar denominado "Tabocas", pela existência de imenso tabocal ali, (planta da família das gramíneas), onde também existe um caudaloso riacho que até é chamado de "rio Tabocas", forte afluente do rio Capibaribe, deixando patente a sua presença e participação na vida agropecuária e político-social do Brejo, face à existência em tempos passados dos inúmeros descendentes no aludido lugar e adjacências, além dessa presença dos Cordeiro nos povoados, vilas e cidades circunvizinhas, na maioria outrora jurisdicionadas à Comarca do Brejo, criada no ano de 1833, ou então à jurisdição eclesiástica, cuja Freguesia de São José, data de 1797 e com instalação em 1799.

A origem da FAMÍLIA CORDEIRO, de uma linhagem muito antiga, vem das Astúrias, 2º Distrito da Espanha, oriunda da Família Antares, expandido-se por Portugal e posteriormente pelo Brasil, e ainda hoje com importantes personalidades dessa antiga árvores genealógica.

Para tirar-se uma melhor ilação, basta verificar participação de membros da Família na antiga Comarca do Brejo da Madre de Deus, nos mais distintos setores da sua vida político-sócio- religiosa e cultural, a exemplo do herói da Guerra do Paraguai, o Capitão JOAQUIM CORDEIRO FALCÃO, de quem com outros falaremos nos volumes posteriores a serem publicados sobre a História maravilhosa encravada no Agreste pernambucano.

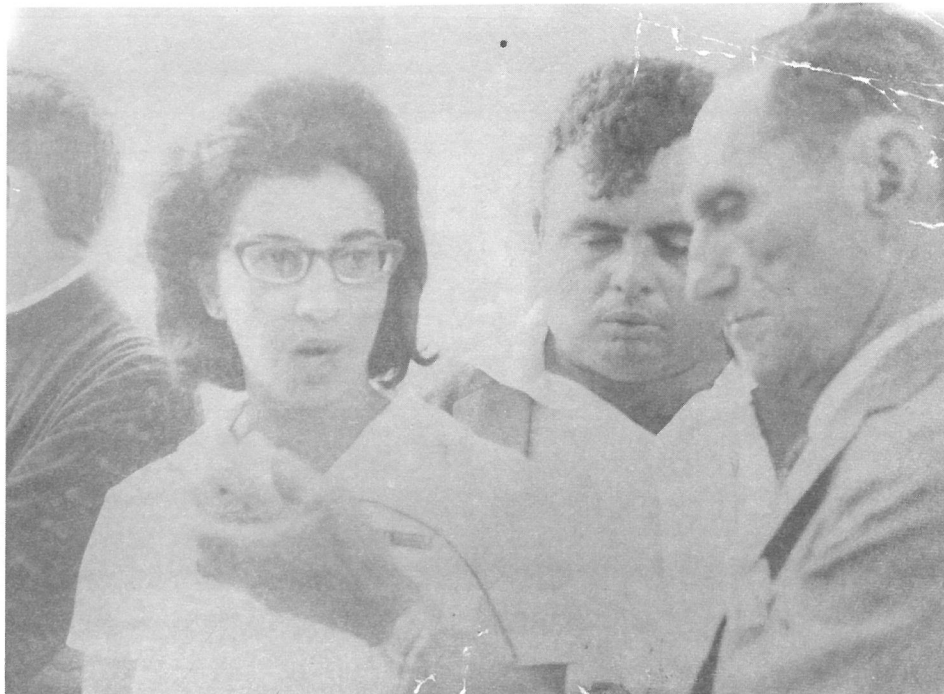
Newton Thaumaturgo - autor



*Foto de Ismael Cordeiro de Mello, **Maia**, onde se vê uma pequena mesa a sua frente, ladeado da esquerda para a direita pelo Professor José Lucena, Manoel Quincas, Heleno Albuquerque, José Marinho, Cabo Ramiro, ex-Deputado Paulo Mendonça, Mário Falcão, e ainda pelo casal Sebastiana e Epaminondas Mendonça, além de algumas crianças e jovens dessas famílias.*



*Foto da homenagem póstuma de aposição de placa metálica comemorativa ao Centenário de Nascimento de Ismael Cordeiro de Mello - **Maia** (13.08.1902/2002), na cidade do Brejo da Madre de Deus, contando com a participação dos filhos, noras, netos e vários outros familiares e amigos.*



Professora Leonor Falcão (E) em solenidade educacional no Brejo, tendo ao seu lado Ismael Cordeiro de Mello-Maia, representado o então Prefeito do Município Paulo Mendonça. Era criado um Ginásio no Brejo pelo Governo do Estado, na gestão do Governador Roberto Magalhães.

Capítulo XIV

IGREJA DO BOM CONSELHO

A construção da Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho começou no ano de 1865, sendo assim, já centenária, embora somente no ano de 1868 tivesse a sua inauguração oficial. Quando da edificação desse templo religioso, não se pode precisar quem na verdade esteve à frente da construção como responsável, pois, o Vigário do Brejo da Madre de Deus nesse período fosse o Padre Pedro Marinho Falcão, não foi ele o principal idealizador, nem construtor, isto é, o mentor direto dessa edificação. Muitos brejenses dizem que foi o Frade Frei Caetano de Messina, no entanto, tudo faz crer que tenha sido o Frei Caetano de Camachio, que anteriormente havia construído uma igreja com a invocação à Nossa Senhora do Bom Conselho na então Vila de Belo Jardim, pertencente à jurisdição da Freguesia do Brejo da Madre de Deus.

Acontece que existiram dois Frei Caetano de Messina, (tio e sobrinho) e ambos atuaram em Pernambuco.

Frei Caetano de Messina (tio) chegou ao Recife no dia 11 de setembro de 1841, vindo a falecer em Montevideu (Capital do Uruguai) no dia 9 de janeiro de 1878, tendo no entanto,

viajado para nunca mais voltar a Pernambuco no dia 23 de janeiro de 1860, e os seus restos mortais foram trasladados para o Rio de Janeiro no ano de 1882 em dia e mês que não podemos precisar.

Frei Caetano de Messina (sobrinho) chegou da Itália ao Rio de Janeiro, no dia 8 de junho de 1870, e no ano seguinte chegava a Pernambuco. Ainda muito jovem, com apenas 27 anos de idade, mas com o mesmo espírito de luta do tio. No dia 5 de junho de 1929, falecia o Frei Caetano de Messina (sobrinho) com a avançada idade de 85 anos, no Hospício do Bom Conselho, fundado no Recife, pelo referido tio.

Provado está que nem o tio e nem o sobrinho, estavam no Brasil no ano de 1865. O primeiro deixou o País nosso, no ano de 1860, e o segundo chegava ao Brasil no ano de 1870, daí a suposição que tenha sido Frei Caetano de Camachio, ou, no entanto a data da fundação da igreja tenha sido antes de 1860, contrariando assim, a placa interna existente no aludido templo, que diz haver sido em 1868 a sua inauguração, o que acreditamos ter sido realmente nessa data, pelos motivos que passamos a expor:

No início da construção era responsável um Frade, e disto, temos certeza, pois fontes fidedignas, a exemplo do saudoso Mestre Rafael, de José Ferreira Nanã, também falecido e homem da melhor estirpe, ambos nascidos no Século passado(XIX), contaram-nos que foi um Frade o construtor, sendo que Mestre Rafael disse-nos que havia sido Frei Caetano de Messina, mas que, em determinado estágio da edificação o Frade(Frei Caetano de

Messina ou Frei Caetano de Camachio) necessitou de uma "linha" grande que pudesse servir de cumeeira para o aludido templo. Tratando-se de madeira de grande dimensão, somente nas famosas matas da propriedade denominada "Bitury", seria possível encontrar-se com facilidade.

Foi aí, que a senhora Josefa Maria de Figueiredo, dona de uma parte de terras no Engenho Bitury, fez a doação da pretendida "linha" que se havia solicitado.

Dona Josefa Maria de Figueiredo era natural do lugar "Pindurão" que fica no Estado da Paraíba, e como sabemos, o Brejo da Madre de Deus, até a emancipação política de Jataúba (ex-Jatobá do Brejo), limitava-se com o Estado da Paraíba, justamente com terras também da localidade chamada "Pindurão". Dona Josefa, a mencionada doadora da "linha" para a igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho do Brejo da Madre de Deus, veio a falecer no ano de 1866, atacada pelo surto da "Cholera Morbus", que ceifou muitas vidas, não chegando a assistir a inauguração do templo, que ocorreu dois anos após a sua morte, em 1868.

Contavam os antigos do Brejo, que se verificou um fenômeno admirável, quando da condução da referida "linha" no percurso do lugar "Bitury" até a cidade do Brejo. Eis os fatos:

Inúmeras pessoas e escravos traziam aos ombros a aludida "linha", recebendo pelo trajeto novas pessoas desejosas

também de ajudar na construção da Igreja do Bom Conselho. Aconteceu, porém, que ao chegarem nas imediações do lugar hoje conhecido por "Pedra Grande", pararam mais uma vez e descansaram um pouco para prosseguirem na árdua tarefa de condução da "linha" até à cidade. Foi então que se deu o caso, pois, por mais que se tentasse soerguer a mencionada madeira para cumeeira da igreja, por mais força que se fizesse, não conseguiram nem levantá-la até a altura dos joelhos. O número de braços havia aumentado, todavia a força desprendida não era suficiente para suspendê-la.

Todos ficaram boquiabertos, pasmados. Poderia está acontecendo a exaustão, face ao peso durante tão longo percurso, e o descanso ter motivado essa deficiência orgânica. Mas, outras pessoas que ainda não haviam carregado a "linha", também não conseguiam levantá-la sequer.

Mandaram, pois, chamar o Frei Caetano (de Messina ou Camachio), uma vez que a cidade distava apenas uns dois quilômetros no máximo. Tendo ali chegado o Missionário para se inteirar do acontecido. Depois de fazer indagações, verificou que tudo não passava de interferência satânica, e disse em alta voz: "ISTO É ARTE DO DEMÔNIO" Fez preces fervorosas, como que exorcizando, e em seguida, virando-se para os homens que tentavam conduzir a "linha" a qualquer custo, disse o Frade: "AQUI TEM UM AMANCEBADO SEGURANDO A LINHA! POR FAVOR, RETIRE-SE QUEM FOR AMANCEBADO." E logo

disseram: "É este aqui", apontando para um pobre homem, que de fato declarou ser amasiado, isto é, viver maritalmente com uma mulher sem ser casado religiosamente. Tendo o mesmo se afastado, o Frade ordenou a todos os demais, a condução da "linha", que segundo era voz corrente entre os idosos do Brejo foi facilmente transportada a cidade, e o mesmo Frade colocado ainda sobre a mesma "linha", uma criança bastante robusta.

Chegava à cidade do Brejo da Madre de Deus à cumeeira da igreja em construção e com a invocação a Nossa Senhora do Bom Conselho, que só foi inaugurada no ano de 1868.

No ano de 1950 "**ANO SANTO**" pela Igreja Católica Apostólica Romana, esse templo foi reconstruído pelo operante Pároco do Brejo, Cônego Antônio Duarte Cavalcanti (1) que mandando serrar a dita "linha", conseguiu torná-la em oito "linhas" normais, suficientes para a dita edificação, e que foram todas empregadas na mesma igreja do Bom Conselho. O Cônego Duarte como era conhecido o Pároco, foi um desbravador autêntico em Brejo da Madre de Deus, abrindo novos horizontes culturais, sociais e religiosos. O Brejo da Madre de Deus deve muito a esse Sacerdote Católico, que muito fez pela Igreja e pelo povo brejense, educando crianças e jovens, nos mais variados setores, sendo as vezes incompreendido por muitos e aplaudido por outros mais sensatos. Sacerdote zeloso e trabalhador intransigente pelas coisas da Paróquia.

(1)- Na realidade, a reconstrução da igreja votada à Nossa Senhora do Bom Conselho, foi iniciada pelo Pároco Padre Francisco de Assis Neves e concluída pelo Cônego Antônio Duarte Cavalcanti. Um fato que merece registro e que pode elucidar o problema do verdadeiro edificador da mencionada igreja, é que muitas pessoas antigas contavam que seus ancestrais falavam que a construtor do dito templo fora o Frei Sebastião das Virgens, e certa vez numa "Missões" no Brejo, fez um Sermão dizendo que o demônio estava ali entre o povo e mal terminou de falar ouviu-se um "estrondo" que apavorou os que se encontravam assistindo as suas pregações evangélicas, tendo o Frade em apreço explicado que tudo aquilo "era arte do demônio por causa das mulheres que usam vestidos com essa maldita saia-balão."



Foto da primitiva Capela de Nossa Senhora da Conceição, depois Nossa Senhora do Bom Conselho, no Brejo da Madre de Deus, cuja construção teve início no ano de 1865, e inaugurada no ano de 1868. A foto acima é de 1945. A pedra fundamental foi posta por Frei Caetano de Messina, em 1852.

Já que os dois últimos capítulos da História do Brejo da Madre de Deus, ligam-se às construções de dois templos religiosos e suas origens: Matriz de São José e Co-Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho, trataremos neste Capítulo de uma breve história sobre a edificação de uma simples Capela votada à Nossa Senhora do Rosário, iniciada por escravos moradores no Brejo, isto no ano de 1887.

Localizava-se a mencionada Capela do Rosário em um alto existente na Zona Urbana atual, pois na época ainda não existiam prédios, à sombra de uma frondosa árvore, mais precisamente um pé de mulungu. Esta Capela de escravos não chegou a ser inaugurada, uma vez que a Lei Áurea de 13 de Maio de 1888, dera liberdade acabando com a escravatura negra no Brasil, e no ano seguinte muitos destes escravos, se dispersaram, tomando rumos ignorados, deixando, no entanto, as paredes do templo levantadas e devidamente cobertas. As chuvas provocaram o desmoronamento parcial da Capela, e no ano de 1915, ou seja, 27 anos após, o Vigário da época, Padre José Ananias da Silva, resolveu aproveitar os materiais como tijolos

da dita Capela do Rosário, utilizando-os em reparos efetuados na Igreja-Matriz de São José, Orago do Brejo da Madre de Deus.

Como se sabe, vários historiadores famosos, registram a existência de uma Capela no Brejo da Madre de Deus, votado a Nossa Senhora da Conceição, construída no segundo quartel do Século XIX, e tanto é assim, que o escritor JOZÉ (com Z) BERNARDO FERNANDES GAMA, em sua obra editada no ano de 1844, intitulada "MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO", Volume I, "Ensaio Topographico", página 69, diz:

"BREJO - He Cabeça de Comarca, e possui, além da Matriz, que he a Igreja de S. José, mais uma Capella consagrada à Senhora da Conceição."

Diziam os mais antigos que essa Capela de Nossa Senhora da Conceição situava-se onde hoje se localiza o lugar chamado "ALTO", adjacente ao antigo "Baixo Meretrício" que funcionava na cidade. Ficava perto do antigo Cemitério das vítimas do "Cholera Morbus", que face ao perigo de transmissão da temível doença, não eram sepultadas no Cemitério Público, que nessa época ficava ao lado da Igreja-Matriz de São José, enquanto o Cemitério dos que morriam de Cólera, ficava adjacente ao antigo Campo de Futebol da cidade, onde hoje se situa o prédio da Prefeitura Municipal, Posto de Saúde e Hospital do Brejo da Madre de Deus.

Capítulo XVI

A BRIGA COM O VIGÁRIO

No período de 1842 até 1888, o Padre Pedro Marinho Falcão, esteve como Vigário ("Colado") do Brejo da Madre de Deus, tendo sido portanto o recordista como Pastor de Almas à frente da Freguesia de São José do Brejo, servindo durante 46 longos anos como Vigário.

Era um Padre virtuoso, cultíssimo, tendo inclusive ensinado francês e latim a muitos brejenses, dentre estes, a Francisco Alves Cavalcanti Camboim, que falava esses idiomas tão fluentemente, que quando Dom Pedro II esteve em Recife em 1859, falou com o Imperador em francês, tendo o mesmo Monarca ficado pasmo em encontrar um homem do Interior falando línguas, e foi esse mesmo Imperador que anos depois o agraciou com o título nobre de BARÃO DE BUIQUE, pelo Decreto de 17 de Maio de 1871.

O Padre Pedro Marinho Falcão era pois, muito conceituado, quer como Vigário, quer por sua condição de Professor e intelectual. O Padre Falcão como era chamado, assistia religiosamente à várias localidades, sendo chamado até para outras jurisdições eclesiásticas, na falta dos respectivos Vigários.

Era o Padre Pedro Marinho Falcão senhor de indiscutível condição econômico-financeira, e por essa razão, emprestava dinheiro a juros, muitas vezes considerados

exorbitantes, o que lhe ocasionava, vez por outra, sérios aborrecimentos.

Certa vez um cidadão CLÁUDIO LEÔNCIO FERREIRA DA COSTA, vulgarmente conhecido pela alcunha de "CADÚ", avô este, do Sr. José Ferreira Nanã, de saudosa memória, necessitando de dinheiro, resolveu tomar emprestado ao dito Sacerdote, a quantia de 500\$000 (Quinhentos mil réis) avultada importância na época. O Padre Pedro Marinho Falcão prontificou-se a conceder o empréstimo, embora a juros elevados e com a garantia de um avalista de reconhecida condição financeira.

Então Cadú conseguiu que o fazendeiro de nome PEDRO COSTA DE FIGUEIREDO avalizasse a dita soma, o que foi plenamente aceito pelo Padre Falcão.

Decorrido muito tempo do prazo estabelecido para o pagamento, sem que Cadú houvesse saldado a dívida, nem mesmo pago os juros, eis que, em determinado dia, o Vigário manda chamar o avalista e lhe relata a situação existente.

O avalista discordara da atitude do Padre Falcão, inclusive recusando-se a pagar os juros, uma vez que havia garantido apenas os 500\$000(Quinhentos mil réis), e que está pronto a pagar, mas já que o Padre não lhe comunicara nada quando da primeira falta ao compromisso, não se responsabilizaria por tal. O Padre por sua vez não aceitou a proposta e a questão foi parar na Justiça, resultando na Vitória do Padre PEDRO, pois o avalista que também era PEDRO, não só

pagou o dinheiro devido, como ainda as custas da Ação, juros e honorários advocatícios.

Dessa situação, motivada com a posição tomada pelo Padre PEDRO, gerou-se ferrenha inimizade entre ele e PEDRO COSTA FIGUEIREDO. A intriga foi de grande proporção, que se pensou em algo mais desagradável pudesse acontecer entre ambos, pois o avalista perdedor da questão estava revoltado por que soubera depois que havia sido o próprio Padre Pedro que indicara o seu nome ao Cadú. Resolveu então, Pedro Costa, demonstrar publicamente o seu repúdio e ódio ao Padre Pedro, indo ao Cartório de registro Civil para mudar de nome, pois não queria mais ter o nome idêntico ao do Padre e apresentou um requerimento pedindo para assinar-se pelo seguinte nome: "GONÇALO ACIOLY CRÚ TIÚBA DE TODOS OS DIABOS".

A razão da mudança do nome já dissemos mas a origem do novo do novo nome foi baseada nos seguintes motivos: GONÇALO ACIOLY era o nome de seu Avô paterno, que segundo ele Pedro Costa Figueiredo, era um homem valente e de palavra. O nome CRÚ era para demonstrar que era duro e sem compaixão para com os seus inimigos. TIÚBA era uma bebida doce, saborosa, mas que embriagava facilmente. E "DE TODOS OS DIABOS" para mostrar o antagonismo existente ente ele e o Padre, pois sendo um Ministro de Deus o outro seria dos Diabos, pois no seu entender, só assim poderia vingar-se da atitude considerada mesquinha do seu xará e Vigário do Brejo da Madre de Deus, ambos chamados PEDRO.

Por volta de 1889, já bastante velho morria o Padre Pedro Marinho Falcão, engasgado com uma fatia de doce que o asfixiou, sem que pudesse receber socorros médicos, coisa difícil naquela época no Interior de Pernambuco.

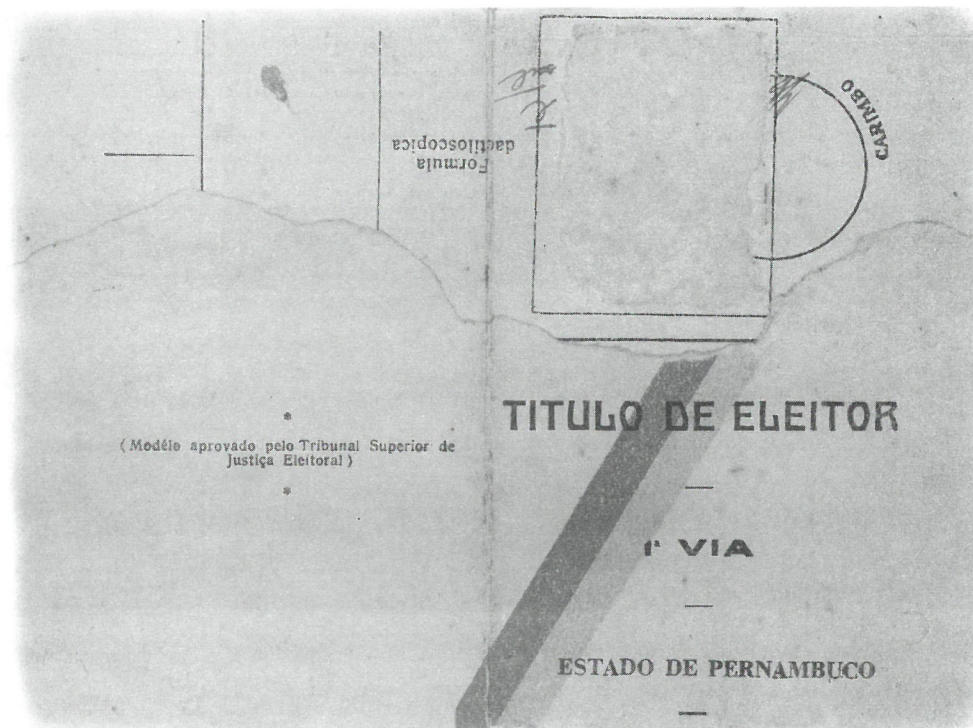


Matriz e Museu do Brejo

José Falcão



Sra. Antônio Campos, era esposa do Sr. Agnelo Campos (falecidos) que é nome de Rua no Brejo, ambos de tradicional família brejense. Era genitora dos Drs. Ananias e Artur, e do comerciante Joel Campos, entre outros.



Título de Eleitor (sem foto, que foi retirada por familiares) pertencente ao então Tenente Janjão (João Marinho de França), expedido no dia 20 de março de 1933, há 70 anos passados.

Capítulo XVII

TENENTE JANJÃO

No ano de 1903, quando era Presidente da República do Brasil, o Dr. Rodrigues Alves, e Governador de Pernambuco o Dr. Antônio Gonçalves Ferreira, era Prefeito do Brejo da Madre de Deus, o Sr. Capitulino Marinho Falcão, e Juiz de Direito o Dr. Arruda, como era conhecido. O Delegado de polícia do Brejo de então, era um genro do Juiz de Direito, chamado Antônio Marinho dos Santos, conhecido pelo apelido de "Toinho Tururi".

Exercia no ano acima mencionado, as funções de 1º. Suplente de Juiz Municipal o cidadão JOÃO MARINHO DE FRANÇA, mais conhecido por "Tenente Janjão", Oficial da Guarda Nacional em Brejo da Madre de Deus, homem muito conceituado e tido por muitas pessoas como "Justiceiro".

O Destacamento Policial do Brejo nessa época(1903) era composto por 25 praças, sendo um Sargento de nome Manoel Pedro da Silva, o Comandante. Era esse Sargento de cor preta, e considerado como austero e muita coragem, segundo depoimentos de habitantes antigos do Brejo.

O Tenente Janjão vivia sempre no exercício do cargo de Juiz, de quem era 1º. Suplente, por ser o Recife o lugar onde residia o titular da Comarca.

Vamos, portanto, a uma importante e interessante

ocorrência verificada no mesmo ano de 1903. Em meados de agosto daquele ano, existiu uma questão sobre a delimitação de terras, originada especialmente pela não conformação de uma linha divisória marcada por litigantes. Tratando-se de um imóvel de grande dimensão territorial, sendo uma das partes em desavença, formada por uma família numerosa e valente, cognominada de "os Mangangás" (também a quem diga que era "os Gangarras"), a dita propriedade era localizada nas proximidades do lugar chamado "Bandeira", no Município do Brejo, e adjacente a hoje Vila de São Domingos, deste Município.

Tendo o Dr. Arruda, assumido as funções de Juiz de Direito da Comarca do Brejo, e mandado fincar os **marcos divisórios** em determinada parte da citada propriedade rural, querendo assim, dar por terminada a questão, uma das partes em litígio não se conformando com a medida judicial, e alegando publicamente haver sido aquela determinação uma atitude político-partidária do Magistrado, resolveu a dita parte, retirar os **marcos** colocados por determinação do Juiz de Direito da Comarca. O Dr. Arruda tomando conhecimento desse comportamento por demais arbitrário e violento, mandou que fossem efetuadas as prisões dos responsáveis, e aberto o competente inquérito policial-criminal. E assim se fez.

No dia seguinte, diversas pessoas foram conduzidas presas, sob escolta do Destacamento de Polícia do Brejo da Madre de Deus, mas ao passarem pelo lugar "**Cacimba de Pedro**" (vinham a pé e a Polícia montada à cavalos), onde residia o

Tenente Janjão, este ao saber do acontecido, dirigiu-se imediatamente ao Sargento Manoel Pedro da Silva, que era o Comandante do Destacamento, uma vez que o Delegado de Polícia era um civil, tendo indagado o qual era a razão de tal procedimento. O Sargento por sua vez após prestar a continência de praxe ao superior, fez as explicações, mostrando um Ofício do Juiz de Direito que autorizava a executar as referidas prisões.

Olhando e lendo nervosamente o dito Ofício, assim falou o Tenente Janjão:

"Só não rasgo esta porcaria, porque não fica bem para mim que respeito a Lei, e mesmo o senhor, Sargento, não tem culpa do ato abusivo que presencio."

E dando umas voltinhas para lá e para cá, concluiu o diálogo, dizendo:

"Destes que estão sendo conduzidos presos, somente cinco deverão seguir para o Brejo, os demais voltarão. Diga lá, Sargento, que foi o Tenente Janjão que mandou que eles voltassem. Diga também ao Delegado (Toinho Tururi) que faça um Inquérito "leve", pois do contrário, ele se arrependerá". E assim fez o Sargento Manoel Pedro da Silva.

No entanto, a atitude considerada como prepotente, praticada pelo Tenente, fez com que os ânimos ficassem mais acirrados, e conseqüentemente, houvesse mais desarmonias entre as autoridades municipais de então.

O Delegado de Polícia do Brejo da Madre de Deus dessa época (1903), Sr. Antônio Marinho dos Santos, genro do Juiz

de Direito e ainda parente do Tenente Janjão, revoltado, instaurou e fez um Inquérito "pesado" em lugar de um Inquérito "leve" como pretendia o Tenente Janjão, inclusive pedindo a prisão preventiva dos acusados, sob a alegação de que estavam ameaçando de morte ao Juiz e ao Delegado de polícia, pelo que o Juiz decretou imediatamente.

Foram acusados, posteriormente submetidos ao Conselho de Sentença.

Com essa situação, o Tenente Janjão cada dia ficava mais indignado com o comportamento do Juiz Dr. Arruda, e do genro do citado Delegado de Polícia.

*Foi então designado o dia para a realização do Júri Popular, para julgamento dos acusados. O Paço Municipal do Brejo da Madre de Deus estava repleto de curiosos e familiares dos presos. Lá também encontrava -se o famoso Tenente Janjão, impecavelmente uniformizado de Tenente da Guarda Nacional. Foram, pois iniciados os trabalhos e ouvidos os debates da Promotoria e da Defesa. Dado conhecimento a todos os presentes, o resultado do julgamento, quando o Dr. Arruda, Juiz de Direito da Comarca e Presidente do Conselho der Justiça, começou a ler em voz alta e trêmula, o veredicto, cuja sentença era condenatória. Nessa ocasião, antes mesmo que o Juiz concluísse a leitura, o Tenente Janjão levantou -se e dirigindo-se até o lugar onde se encontrava o Magistrado, tomou de suas mãos os **Autos do Processo Crime** e atirando-os contra a pessoa do Dr. Juiz de Direito da Comarca.*

Diante o exposto, verificou-se uma enorme celeuma e grande correria dos espectadores, que tiveram dificuldade em descer as escadarias sinuosas do velho Paço Municipal, que ficava no 1º andar do prédio da Cadeia Pública do Brejo. Muitas pessoas caíram e tiveram alguns ferimentos, segundo relato de pessoas antigas do Brejo, que estiveram presentes a esta ocorrência.

O Juiz de Direito passou a gritar pedindo a interferência da polícia, e como esta não tivesse se manifestado imediatamente, o Juiz também fugiu do recinto, tal a fúria do Tenente Janjão. A Polícia, minutos depois, devidamente "embalada", e sob o Comando do Sargento Manoel Pedro da Silva, de arma à mão, assim falou:

"Quem quiser que toque no Tenente Janjão. Ele é meu superior, e bulindo com o meu superior, bole comigo e com os meus Soldados."

*O Dr. Arruda, voltando ao Recife, onde residia, levou o caso ao conhecimento do tribunal e do Governador do Estado, tendo o Chefe do Governo de Pernambuco mandado uma ordem para o chefe político do Brejo, Prefeito Capitulino Marinho Falcão, recomendando-lhe que **"deveria ser feita a inequívoca Justiça"**.*

Cientificado o Tenente Janjão da recomendação governamental, rumou até a residência do Prefeito e chefe político do Brejo e em entendimento com o mesmo, respondeu o Prefeito ao Governador dizendo telegraficamente:

"Senhor Governador, a Justiça será aplicada ainda hoje."

Três dias após eram postos em liberdade os protegidos do Tenente Janjão.

Depois desses fatos, o Tenente Janjão abandonou a vida pública a que servira com dedicação por longos anos, deixando crescer a sua barba, como sinal de repúdio, por considerar-se injustiçado pelos seus inimigos e até por muitos dos seus melhores amigos.

*O Tenente Janjão chamava-se **João Marinho de França**, era filho de Francelino Marinho de Espíndola e Francelina Maria da Conceição, tendo nascido no dia 30 de janeiro de 1868 no lugar "Cacimba de Pedro" distante apenas dois quilômetros da cidade, aproximadamente, que era a 27ª. Zona Eleitoral quando da Inscrição do Tenente como Eleitor, que aliás tomou o número 59, isto no dia 20 de março de 1933. O Juiz que expediu o seu Título de Eleitor foi o Dr. Henrique D. da Câmara Pimentel.*

Nas eleições realizadas nos anos de 1933 e 1937, nos dias 3 de maio e 14 de outubro, respectivamente, o Tenente Janjão votou em ambas, sendo Presidentes das Mesas Eleitorais dos referidos pleitos, os senhores Gustavo Marinho Falcão e José Epifânio Falcão, tendo ainda o Tenente votado nas eleições de 8 de agosto de 1938.

Veio a falecer no dia 19 de fevereiro de 1948, com a idade de 80 anos e 19 dias.

Capítulo XVIII

CANGACEIRO ANTÃO GODÊ

Por volta de 1911 ainda campeavam nos Sertões nordestinos, os efeitos malévolos do cangaço cruel, gerando ódio e o cometimento de vandalismo e desatinos outros. O Brejo da Madre de Deus também sofria os impactos de visitas inconvenientes desses grupos sanguinários e destituídos de qualquer sentimento humano, na sua maioria compostos de homens rudes, que por várias circunstâncias tornavam-se "fora-da-lei".

Numa quarta-feira, 30 de agosto de 1911, por volta das 11 horas do dia, estava mascateando no lugarejo denominado de "Serra dos Ventos", (àquela época pertencente ao Município do Brejo e posteriormente até hoje, ao Município de Belo Jardim), um comerciante de nome José Macena, proprietário de uma casa comercial na cidade do Brejo, quando este senhor foi informado que logo mais ali em Serra dos Ventos, chegaria o famoso cangaceiro-chefe de bando, chamado Antão Godê e o seu grupo.

Face à notícia acima, imediatamente José Macena resolveu regressar à cidade do Brejo, por ser declarado partidário do Governo Rosa e Silva, enquanto o dito cangaceiro era seu adversário, porque recebia proteção de partidários do General Dantas Barreto, que se encontrava no auge do Poder em Pernambuco.

O cangaceiro Antão Godê desejava desmoralizar pessoalmente, isto de há muito tempo, o comerciante José Macena, por razões políticas como já frisamos. Da Povoação de Serra dos Ventos, Antão Godê seguiu viagem para o Sítio Teixeira, também no Brejo da Madre de Deus, hospedando-se na casa de residência do Capitão Frederico Cordeiro, integrante da Guarda Nacional e a quem o cangaceiro respeitava e obedecia.

Lá, no Sítio Teixeira, Antão Godê e seus "cabras", todos apelidados, como era de praxe entre os bandos formados antes e depois de Antão Godê, pelo que podemos relatar os seguintes: "Quinta-Feira", "Borboleta" e "Biano".

No dia seguinte resolveram todos seguir até a cidade do Brejo, ainda na intenção de um encontro com José Macena, a quem Antão Godê desejava desmoralizar de qualquer forma. Ao chegar ao Brejo, foi Antão Godê indagado por alguns

amigos que o admiravam e ajudava, sobre a razão da sua presença ali na cidade, tendo ele sorridente, respondido:

"Vim tomar chá de Sena", referindo-se ao sobre nome de Macena, inimigo que desejava ajustar contas por ofensas recebidas em sua ausência.

Procurando-o em toda a cidade, Antão Godê não conseguiu localizar José Macena, todavia fora informado de que o mesmo se encontrava homiziado na Casa Paroquial, sob a proteção do Vigário local, Padre José Ananias da Silva, pelo que Antão Godê resolveu ir até à residência Paroquial, onde em lá chegando foi recebido pelo Vigário, encontrando José Macena, o seu capital inimigo em Brejo, que trêmulo, pediu ao Padre Ananias que não deixasse que o cangaceiro o matasse. Foi aí que o Sacerdote interferiu junto a Antão Godê, pedindo para que ele desse tudo por acabado, pois esse ódio era apenas fruto de fuxicadas políticas e nada mais, e que José Macena afirmou ao Padre, que a partir daquela data jamais tocaria no seu nome e nem de nenhum outro companheiro ou amigo de Antão Godê. O cangaceiro atendendo ao Padre Ananias, a quem estimava muito, concordou plenamente com a proposta e tomando um cafezinho com o Padre, despediu-se do mesmo, pondo-se às suas ordens numa necessidade qualquer.

Ao voltar da Casa Paroquial, no centro da cidade Antão Godê esteve na Padaria do Sr. "Teó", (que era a panificadora mais importante na época) onde pediu para o Sr. "Teó" trocar certa importância por moedas diversas e pondo-as numa gaveta que pediu ao mesmo senhor, mandou que se chamasse o maior número de crianças da cidade e quando já notava um aglomerado de meninos e rapazolas, Antão Godê começou a jogar as moedas no meio da rua para a juventude. Foi mesmo uma festa para a acriançada e até para alguns adultos que participaram.

Em seguida Antão Godê e seus comparsas foram até a Cadeia Pública do Brejo onde forçaram o Carcereiro a por em liberdade todos os presos sentenciados, tendo o Soldado que estava de Guarda tentado reagir, mas imediatamente dominado pelos homens do cangaceiro. Apenas um preso sentenciado a 20 anos de reclusão, chamado pela alcunha de "São França", não aceitou a liberdade do "fora da lei", justificando que havia praticado um hediondo crime de morte, tendo assassinado uma jovem chamada Maria José, quando tentou manter forçosamente ato sexual com a mesma, que resistiu bravamente ao seu intento, e tal foi a sua resistência desesperada, que ele cruelmente, terminou matando-a.

Esse criminoso era cego do olho esquerdo e depois do término da sentença que fora imposta, passou mais de um ano, isto espontaneamente, morando no prédio da Cadeia pública do Brejo, onde cozinhou para os presidiários e soldados do Destacamento de Polícia local, além de fazer "mandados", etc.

Após este acontecimento, Antão Godê foi convidado para almoçar na casa do genro do Juiz de Direito e ex-Delegado de Polícia, chamado Antônio Marinho, conhecido por "Toinho Tururi", que na época era um político de grande prestígio, porém, Antão Godê temendo ser aquele convite uma cilada com a finalidade de se ganhar tempo para a chegada de reforços policiais, foi à casa do dito político e agradeceu o convite, e imediatamente seguiu viagem saindo do Brejo com destino a Jatobá (hoje cidade de Jataúba) onde gozava de maior liberdade e proteção declarada de um respeitável líder político da Região e que vivia naquela povoação próspera chamado Epifânio Cordeiro Muniz Falcão, mais conhecido por "São Tapuio", de tradicional família brejense.

Vale registrar um detalhe interessante quando da atuação ilegal de Antão Godê na cidade do Brejo, é que o outrora valente Sargento Manoel Pedro da Silva, Comandante do Destacamento de Polícia local, desapareceu até o dia de hoje, sem ninguém saber do seu paradeiro.



Foto de uma cédula de 20\$000 (vinte mil réis), quantia idêntica foi doada pelo Sr. Agnelo Campos à Comissão da Festa de Inauguração da Luz Pública na cidade do Brejo da Madre de Deus, no dia 1º de fevereiro de 1927, para ser trocado em moedas de pequeno valor e distribuídas com os pobres naquela solenidade festiva.

Capítulo XIX

PRIMEIRO MOTOR DE LUZ

*Quando predominava o atraso quase total no Interior de Pernambuco, isto já na segunda década do Século XX, era difícil encontrar-se uma cidade do Agreste dotada de iluminação por energia elétrica. O Brejo da Madre de Deus era uma dessas cidades agrestina. Todavia, isto não foi por muito tempo, graças a um brejense de larga visão administrativa e empreendedora, que tinha amor à gleba que servira de berço natal. Esse homem foi **Pedro Guenes**.*

Estudando a forma mais lógica para concretizar tão salutar plano relacionou pessoas importantes do Brejo, mormente aquelas portadoras de definida situação financeira e entrou em ação. Não demorou muito e sofreu o seu primeiro desencanto: ninguém acreditava em tal empreendimento e não valia a pena se investir numa coisa que não podia dar certo.

Pedro Guenes revoltado com a má vontade e a ignorância dessas pessoas que ele havia relacionado, determinou-se, dizendo:

Eu comprarei sozinho um motor de luz para o Brejo."

Ninguém acreditava também naquela determinação espontânea de puro idealismo, mas não ficou só na descrença dos brejenses relacionados a dedo por Pedro Guenes como pessoas por ele consideradas ricas e desenvolvidas. Chegou Pedro Guenes à conclusão de que tudo não passava de questão política partidária, e tanto era assim, que essas pessoas procuradas pessoalmente por ele, e que todas se recusaram, passaram a xingá-lo, a criticá-lo, sob a alegação de que "Pedro Guenes está querendo ser o Chefe do Brejo com essa idéia de Motor de Luz."

A genitora de Pedro Guenes tomando conhecimento de tal picardia contra o seu filho, e sendo senhora de ótimas condições monetárias, revoltado, assim se expressou publicamente em seu estabelecimento comercial:

"Fiquem sabendo esses que estão criticando Pedro, que para ele comprar um Motor de Luz para Brejo, não precisa bulir em dinheiro dele não. O dinheiro que eu tenho guardado das goiabas e mangas podres que vendo a esses ricos do Brejo, dar para comprar."

Dona Iluminata a mãe de Pedro Guenes, possuía vários sítios contendo fruteiras, inclusive um que hoje servia

de "Parque" e de Praça no centro da cidade, onde atualmente se encontra o prédio da Agência do Banco do Brasil, e que por muitos anos só era chamado de "o Sítio" por uns e de "Palanque", por outros.

Tudo isto aconteceu no ano de 1926.

No mês de janeiro de 1927, chegavam ao Brejo da Madre de Deus as últimas peças do Motor Elétrico. Foram trazidas em "carros de bois", da "Estação Ferroviária de Antônio Olinto", hoje cidade de Tacaimbó. Nove "carros de bois", todos enfeitados com ornamentações multicores, inclusive palhas de palmeiras, partiam da aludida Estação Ferroviária com destino ao Brejo, trazendo todas as peças do primeiro Motor de Luz. Os "carros" faziam aquela zoada tão natural aos ouvidos dos sertanejos e dos agrestinos. O povo no trajeto ia engrossando o acompanhamento, numa prova de solidariedade a Pedro Guenes, e logo os mais satíricos, começaram a compor cantigas políticas, para que os descrentes e omissos ficassem envergonhados e desacreditados perante a comunidade. Foi aí que Dudu Amaral, irmão de Teodoro Amaral (Dóro), compôs uns versos que passaram a ser cantados pelo povo, e um deles dizia:

***"Serra dos Ventos parece um cuscuz,,
No Brejo tem luz, quem foi que botou?
Foi Pedro Guenes, homem de dinheiro,
Foi ao estrangeiro, e comprou um Motor."***

Outros versos também se ouviam cantados pelas estradas afora, como este, muito engraçado:

***"Seu Bitá, Major Sinhorzinho,
Eles são vizinhos, são particulá.
Major Leocádio, tem um automóve,
Quando a roda corre, chega alumíá."***

Chegava então o dia da grande festa da inauguração do sistema de iluminação pública da cidade do Brejo. Era o dia 1º. de fevereiro de 1927. O Brejo ficou repleta de matutos da região que se juntaram aos habitantes da cidade para pasmados assistirem o evento. Foi uma festa inesquecível. A euforia se espalhava nos corações de todos e as exclamações diversas sobre a efeméride eram ouvidas constantemente, a exemplo desta:

"Cuma são bonitas essas cabacinhas de luz!"

Tudo foi alegria, contentamento. Balões multicores se sucediam. Danças, muita comida e bebidas. Tudo de graça. O Brejo da Madre de Deus via realizado um dos sonhos progressistas de Pedro Guenes, que desejava implantar parques industriais na sua terra, mas que motivos políticos mesquinhos impediram-lhe e lhe causaram tanto desgostos que resolveu ir embora do Brejo para nunca mais pisar no seu solo e, essa jura foi cumprida, tendo morrido no Rio de Janeiro onde foi sepultado.

Quando da inauguração da energia elétrica no Brejo da Madre de Deus, prestigiando o acontecimento, circulou um jornal impresso na Tipografia São Sebastião, localizada na hoje cidade de Belo Jardim, datado de 1 de fevereiro de 1927, trazendo o título de A LUZ, e tendo um editorial na primeira página, intitulado de "FIATLUX", e dizia:

"Na grande obra da criação do Mundo Universo, entrou nos Planos da Sabedoria Divina a formação da LUZ, sem a qual impossível seria a vida. Na existência dos povos há uma noção de conforto que é a simptomalogia de uma civilização e de seus descortinos. Uma idéia clara e precisa de focalizar as coisas para serem melhormente observadas, uma ânsia febril de prolongar o dia, utilizando a noite para a vida pública ou doméstica. À primeira vista se nos afigura um egoísmo

repreensível, uma ambição violenta que reduz o homem a um ser mecânico para infinitar produção e capitalização sistemática, como os americanos do norte. Entre nós porém, a iluminação noturna faz-se tão precisa como a lua que enche de poesia as noites do Sertão com a diferença que esta desaparece periodicamente, para que os entes noctívagos descansem e durmam na paz das coisas naturais na expressão junqueiraiana.

*A luz que hoje ilumina a legendária cidade do Brejo, remoçando-lhe a existência, bordando de lantejoulas aurifugentes as franças de suas palmeiras, a verdura de suas cercanias, é o mesmo **Fiat Lux** do **Criador**, que se materializa e se compõe no bronze de suas usinas, nos nervos de aço de suas redes metálicas, é paródia respeitosa das mais que milenária cosmogonia mosaica. O Brejo precisava da luz para progredir e desenvolver-se e não caducar jamais no marasmo da ignorância, esquecido além daquelas serras. O culto do progresso é da sagrada cartilha do patriotismo que todos nós aprendemos no Santuário da Escola, onde há de certo uma luz mais intensa e mais brilhante que a luz elétrica, que dos fogos fátuos, que a cintilação das estrelas e que o fulgor de milhões de sóis - as coruscâncias inosfuscáveis das 25 letras do Alfabeto.*

Quando um dia se emancipar a inteligência e a liberdade de pensamento foi um sinal agigantado de nossa esplêndida maturidade intelectual, todos pensando como o Sr. Pedro Guenes, empregando capitais, inteligência e trabalho em proveito comum, com refluxo e utilidade própria. Dir-se-á que isso foi um lance temerário, uma loucura, mas quem nunca foi temerário não tem nas veias o sangue puro dos fortes e sim o pus, a peçonha dos que habituaram às heranças eventuais, às comidas do funcionalismo parcimonioso e esquivo ao cumprimento do dever.

Este, porém, é um benemérito de sua terra e por isso merece o nosso aplauso sincero e espontâneo, o regozijo do filho que é a sua Pátria engrandecida e melhorada.

Pernambuco sorri ao despontar de nova aurora aos seus destinos, ao ver cruzarem-se harmoniosamente as iniciativas particulares e as realizações grandiosas que advirão de sua nova e promissora gestão política.

Sorri ao divisar os novos horizontes que se desenham em o conagraçamento elevado e patente dos desejos de governados e governante é uma garantia para o seu futuro. Não há dúvida.

A profusão do Ensino Primário, a educação metódica da infância e todas as verdadeiras realizações serão um padrão de glórias, um florão a mais na corôa do ilustre estadista que nesta hora domina e governa Pernambuco.

Belo Jardim, 1 de fevereiro de 1927

Padre Jefferson Diniz ()".*

()- Publicado no Jornal A LUZ, edição única, datado de 1 de fevereiro de 1927, impresso nas oficinas da então Typographia São Sebastião em Belo Jardim, na época servindo de Sede da Comarca do Brejo da Madre de Deus, por força da Lei No. 1627, de 29 de março de 1924, tendo depois voltado a Sede da Comarca para o Brejo, através do Decreto No. 627 de 17 de junho de 1941, assinado pelo então Interventor Federal Dr. Agamenon Magalhães. Antes, porém Belo Jardim pertencera ao Brejo como Povoação e Vila.*

No dia da inauguração da Luz Elétrica no Brejo, fato que ocorreu no dia 1 de fevereiro de 1927, foi anunciado pela Comissão da Festa, o seguinte:

"O Sr. Agnelo Campos, associando-se às manifestações que estão projetadas para o dia da inauguração da Luz Electrica desta cidade e reconhecendo o grande passo que o Município deu com este melhoramento de real proveito para a coletividade, vem com o seu diminuto concurso, oferecer à Comissão, a quantia de 20\$000 para ser distribuída com os pobres."

A Comissão da Festa de inauguração da Luz Elétrica no Brejo da Madre de Deus era composto dos senhores:

*Heráclito Falcão
Gustavo Falcão
Manoel Amaral
Augusto Aristides
José Fabrício.*

A programação para inauguração da energia elétrica no Brejo, obedeceu a seguinte programação, constante do jornal A LUZ:

*“PROGRAMA DAS FESTAS NA INAUGURAÇÃO
DA LUZ ELECTRICA DO BREJO.*

*Dia 1- às 4 horas da tarde - Bênção dos
machinismos e da casa destinada a Empreza da Luz, inauguração
da luz em toda a cidade, música e fogos, etc. ;*

Dia 2- às 5 horas da manhã:

*Missa Campal em frente da Matriz, celebrada pelo Rvmo. Padre
Jefferson Diniz; 1 hora da tarde - Banquete offerecido pela
Comissão da Festa às pessoas gradas e particulares amigos
convidados para esse cordial ágape ; 5 horas: Passeata pelas ruas
da cidade, ao dissolver-se desta, expressiva manifestação do povo
brejense ao illustre empresário da Luz fallando a senhorinha
Alcina Falcão.*

*Abrilhantarão todos os actos e cerimônias
religiosas e profanas as Philamônicas São Sebastião de Bello
Jardim e Jatobá.*

*Usarão da palavra diversos oradores em
diferentes occasiões. Ainda tomarão parte saliente nos regosijos
populares e principalmente nas solemnidades religiosas, além do
Rvdm. Vigário Padre José Ananias os seus colegas Padres
Victorino Paiva e Jefferson Diniz, respectivamente Vigários de
Jatobá e Bello Jardim."*

A Comissão da Festa fez também distribuir nota, solicitando a participação de todos os brejenses, e observa-se que o Brejo da Madre de Deus era de fato uma cidade do Interior bastante rica. Eis, portanto, a solicitação divulgada pela imprensa:

"APELLO

A Comissão dos festejos pede aos moradores desta cidade para que na ocasião de accender-se a luz soltarem fogos em frente as suas casas residenciais, aos proprietários de carros e chauffeurs que se acharem nesta ocasião nas praças para tocarem nas cirenes dos carros por um minuto."

Outro apelo foi dirigido ao povo por Heráclito Falcão, nos seguintes termos:

"Hoje todo o coração brejense vibra de entusiasmo, associai-vos às manifestações de hoje não vos deixando ficar em casa. Em casa ficarão somente os velhos decreptos, os paralíticos ou aquelles que pelo carrancismo teem os sentimentos patrióticos paralisados."

Durante as festividades comemorativas a implantação de energia elétrica na cidade do Brejo, um acontecimento que mereceu registro foi a comemoração do aniversário natalício do comerciante e membro da Comissão promotora da "Festa da Luz", o Major Gustavo Marinho Falcão (era detentor da patente de Major Cirurgião da Guarda Nacional, embora, nunca tenha desempenhado funções médicas ou coisa correlata). Ainda no mesmo mês, no dia 17 de fevereiro de 1927, novamente na residência do Major Gustavo Falcão, se comemoraria o aniversário do então guri Nelson Falcão, filho do aludido Major e sua digna esposa dona Amélia Falcão.

*Nesta época o prédio que serviria para funcionar o **Cine Carlos Gomes**, estava em fase de conclusa divertido por muitos anos as famílias brejenses, hoje já não existe o citado cinema e nem outro foi construído.*

Em 1927 o Município do Brejo contava com uma população de 42.000 habitantes e tinha sob sua jurisdição eclesiástica três Freguesias, que eram: São José do Brejo, Santo Antônio de Jacarará e Nossa Senhora da Conceição de Belo Jardim.

O Motor adquirido por Pedro Guenes, com auxílio financeiro e moral de Dona Iluminata Guenes, era a gás pobre(carvão vegetal), bastante potente e foi instalado no prédio que fica na esquina das Ruas Maestro Tomás de Aquino e Praça do Bom Conselho, onde se lia "UZINA ELÉCTRICA". Hoje esse prédio é utilizado por uma repartição pública municipal.

O encarregado pela manutenção do Motor era o Sr. Antônio Virgínio, que certa vez foi colhido pela grande correia de fibra existente entre o volante e o gerador, escapando de morrer por um milagre, mas chegando a passar parte do seu corpo entre a correia e o volante(roda grande de ferro). O eletricista municipal por muitos anos foi o pai de "Orlando eletricista", e depois ele Orlando e filhos.

*No ano de 1950 ou 1951, o então Prefeito do Município, Sr. José Batista de Queiroz Sobrinho (**Dudu Queiroz**), fez aquisição de um novo e potente Motor para funcionar na cidade, transferindo o velho e bom Motor de Luz para a Vila de Jataúba (ex-Jatobá Brejo), onde serviu por muitos anos, até que em 1962, no dia 25 de setembro, o Brejo passou a consumir a energia da Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF, através do então Departamento de Água e Energia - DAE do Estado de Pernambuco, hoje pela concessionária com a sigla de CELPE (Companhia de Eletricidade de Pernambuco).*

Capítulo XX

História da Pedra Grande

Nas proximidades da cidade do Brejo da Madre de Deus existe um Sítio hoje bastante habitado e conhecido pelo nome de "Pedra Grande", onde de fato fica localizada uma enorme pedra em forma arredondada. No entanto, muitas pessoas do Brejo não sabem como aquela pedra tão grande veio ali se localizar.

Se não fosse, talvez, o seu tamanho, hoje teria outro nome, possivelmente um nome mais importante, conforme a sua estória, e seria chamada de "Pedra Grande de São José" ou mesmo "Pedra do Milagre".

A história ou mesmo a estória dessa pedra começou no período que compreendia os anos de 1925 a 1930, quando era Vigário do Brejo o Padre José Ananias da Silva. O aludido Sacerdote achou por bem mandar fazer uns retoques na pintura da imagem de São José, existente na Matriz e Padroeiro do Município, cujos trabalhos seriam efetuados na Cidade do Recife. Pretendia o Vigário do Brejo mandar "encarnar" aquela

escultura em casa especializada em trabalhos sacro dessa natureza. Aconteceu, porém, que tal iniciativa gerou entre muitos católicos brejenses, uma onda de descontentamento e desconfiança no dito Pastor. Enfim, não concordaram na saída da imagem de São José ao Recife, especialmente a Legião de São José, composta na época por mais de mil "Legionários", cuja organização religiosa ainda existe. Alegavam os descontentes e contrários a determinação do Padre Ananias, que se a imagem de São José fosse transportada para fora do Brejo, um castigo cairia sobre o povo, e que tal castigo seria uma terrível e apocalíptica peste, que assolaria a população. Havia quem que dissesse que tudo isto foi divulgação subversiva partida dos inimigos do Padre Ananias, uma vez que o aludido Sacerdote participava de démarches político-partidárias, aproveitando-se assim, os adversários, da situação propícia, face à ignorância e pieguice de católicos da época.

Todavia, o Padre não levou em consideração os protestos dos incautos, que no seu entender estavam sendo utilizados por inimigos pessoais seus, sendo fácil demovê-los da posição assumida contra ele.

Contava o Vigário com grande número de adeptos, dispostos a fazer o transporte da imagem de São José, custasse o que custasse.

Continuou o Padre Ananias no firme propósito de levar a escultura ao Recife, devendo seguir através da Estação Ferroviária de Antônio Olintho (hoje Tacaimbó-PE), para ali, pelo trem, chegar à capital do Estado.

Ficou assim, determinado o dia da viagem, que por sinal seria num sábado pela madrugada, e que seria conduzida em procissão pelos fiéis liderados pelo dito Vigário, até determinada parte do percurso e por alguns outros residentes em sítios existentes no trajeto, até a Estação Ferroviária citada.

Chega então a sexta-feira, véspera da viagem, todos continuavam com os seus pontos de vista firmes, quer os partidários do Padre, quer os seus adversários ferrenhos.

Um fenômeno admirável aconteceu, botando por terra todos os planos do Padre José Ananias. Por volta das 04 horas da madrugada, do dia da viagem, um ruído estranho foi ouvido por quase toda a população da cidade, e que tudo indicava qualquer desabamento espetacular.

Começaram as indagações altas horas daquela madrugada, e muitas pessoas levantaram-se do leito e foram para as calçadas das ruas do Brejo, formando grupos que se indagavam uns aos outros:

"Vocês ouviram o estrondo? O que terá sido?".

Outros diziam:

"Será que foi um sinal de castigo pela retirada que vão fazer do Glorioso Senhor São José, hoje?".

Ninguém sabia responder ao certo àquela hora, porém, momentos depois o povo foi cientificado de que uma enorme pedra havia de deslocado de monte abaixo e caído bem no centro da estrada, por onde justamente haveria de passar momentos depois, a procissão conduzindo a imagem de São José, para seguir ao Recife.

A estrada estava assim, interditada, nem mesmo os "feireiros" com seus animais carregados com produtos agrícolas para abastecer a população do Brejo, pois era dia de sábado, por conseguinte, dia da Feira Pública, puderam passar com as frutas, farinha, feijão, etc.

Algumas pessoas conseguiram atravessar de um lado para outro, sem contanto conduzir seus animais com cargas, tiveram que fazer grande rodeio.

E a imagem de São José? !!!

A imagem não foi transportada. As pessoas que estavam solidárias ao Padre Ananias ficaram receosas, pois interpretaram aquele acontecimento como uma "advertência do Céu", e indiretamente, aconselharam ao Vigário a fazer a condução da imagem em outra oportunidade. O Padre por sua vez achava que tudo não passava de uma coincidência, pois nada tinha uma coisa com a outra. Ficou o Vigário um pouco inconformado, tendo, porém, resolvido em viajar sozinho à Capital do Estado, conseguindo trazer um exímio artista especializado em arte sacra, para fazer a "Encarnação da imagem", isto é, renovação das cores, reposição de partes desgastadas ou quebradas, e na própria Matriz do Brejo da Madre de Deus, foi realizado o trabalho desejado, cujo artista/escultor chamava-se Delfim.

Tempo depois, abriram uma passagem ao lado da "Pedra Grande" deslocada, por onde ainda hoje passam veículos e animais carregados com produtos agrícolas diversos, cuja estrada recebeu um substancial melhoramento na gestão administrativa do então Prefeito Abílio Telmo da Rocha Barros.

Ocorrendo que todas as pessoas que por ali trafegavam normalmente (após o desmoronamento da pedra), faziam uma ligeira parada para observar e comentar o fato exclamavam e interrogavam ao mesmo tempo:

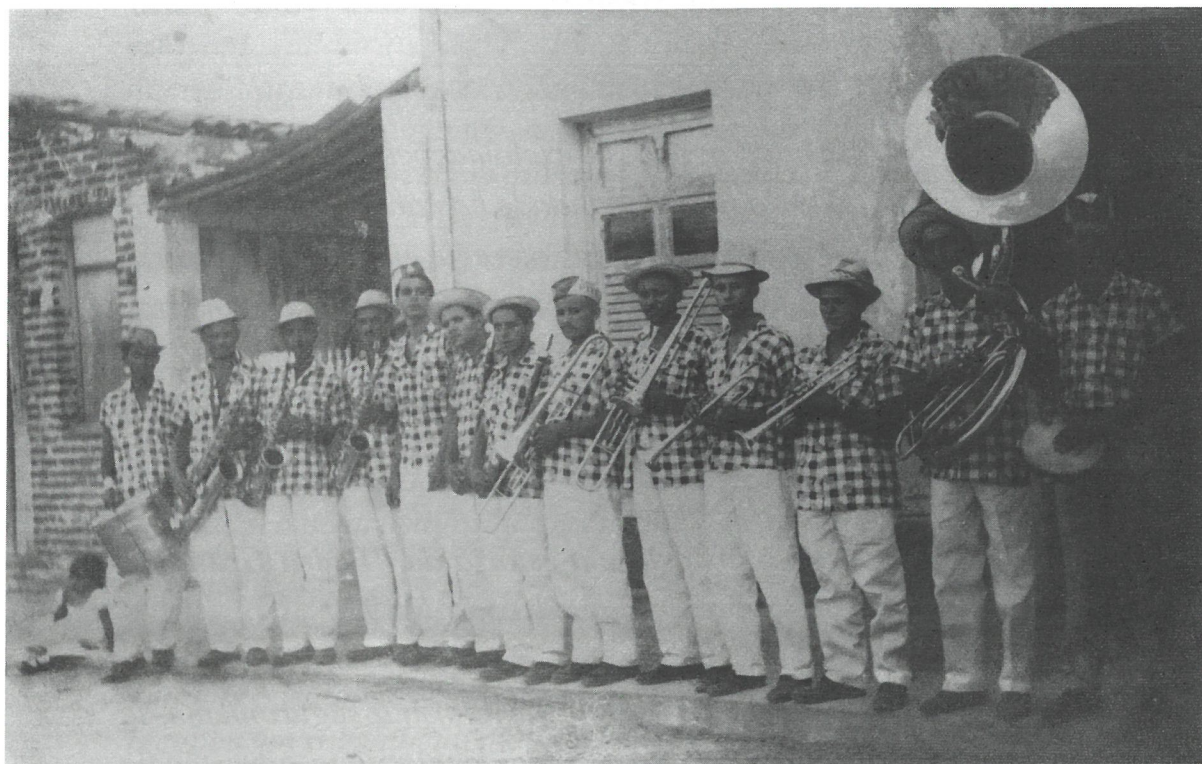
"Que Pedra Grande! Como terá vindo parar aqui?"

E de interrogações e exclamações análogas, surgiu então a denominação daquela localidade bastante conhecida, não só pelo formidável banho de bica que oferecia em linda cachoeira, mas também pelo maravilhoso panorama que se descortina aos olhos de todas as pessoas que visitavam o local, especialmente pelo "Banho do Escorrêgo", atração que faz com que as pessoas tivessem de fato um contato direto e puro com a natureza.

Esta é a história e a estória da "Pedra Grande", que atemorizou a muitos brejenses na década de 1920.

Ninguém quis afirmar ou informar seguramente, se o acontecimento foi de fato uma coincidência, uma advertência celestial em forma de castigo ou mesmo um milagre.

E a localidade se perpetuou como "Sítio Pedra Grande" até os dias de hoje.



Orquestra de Frevo formada com músicos brejenses, que tocava nos carnavaís outrora animados no Brejo da Madre de Deus. Era na época das "limas perfumadas", do uso de talco e lança-perfumes, e acompanhava os Blocos carnavalescos pelas ruas da cidade.

Capítulo XXI

CARNAVAIS

*Por incrível que pareça, no Brejo da Madre de Deus antigo, as festas momescas eram mais alegres e melhor organizadas, pois tudo indica que havia uma **sociedade** mais compreensiva e sadia.*

*Quanto aos carnavais antigos, em que se sabiam brincar homenageando o "Deus Momo", não se vinculava os festejos a problemas religiosos ou político-partidários. Não faltava o tradicional **ENTRUDO**, onde as melhores figuras da sociedade local levava um banho público junto da "**Cacimba da Prefeitura**", que era situada bem no centro da cidade e que abastecia a população do Brejo de água potável.*

*As "**LIMAS**" com água perfumada eram coisas indispensáveis nos **Entrudos**, e havia até umas "**Limas**" preparadas com determinada química, que continha substância*

vermelha e causava susto em quem era atingido por elas, dando a impressão de sangue ou mancha que parecia prejudicar com a nódoa a roupa da pessoa atingida, no entanto, dois ou três minutos após a tinta encarnada desaparecia.

*As "**Limas**" eram feitas em fôrmas de madeira, na sua maioria aparentando um caju, e confeccionadas com cera de velas, sendo posteriormente posto o líquido perfumado, sendo vendidas aos foliões.*

*Os carnavais em Brejo da Madre de Deus começavam a ser ensaiado quinze dias antes da data, nas principais ruas da cidade, e no "**Sábado de Zé Pereira**", dia bastante animado com a chegada da figura simbólica, onde "**Zé Pereira**" montado num jumento, virado com a frente para trás, acenava alegremente aos participantes, que alegremente o aplaudia e indagavam uns aos outros, desejando saber quem era o "**Zé Pereira**", que como sempre era um mascarado.*

Havia cordões de isolamento e o acompanhamento dos Blocos carnavalescos existentes no Brejo, com suas respectivas orquestras de Frevos e o povo pulando e frevando delirantemente.

Ainda no "Sábado de Zé Pereira" era constada a participação de "**Bumba-Meu-Boi**", não faltando os "**Cavalos-marinhos**" e os tradicionais "**Papangús**" ou "**Mateus**" como eram chamados, além das batucadas em forma de Escolas de Samba.

Segundo informações corretas que colhemos, uma vez que não alcançamos a fase áurea dos carnavais do Brejo eram espetáculos deslumbrantes, e maravilhosos, uma autêntica festa do povo. Vários Blocos ou agremiações carnavalescas existiam no Brejo, dentre estas, podemos citar "**O RADIANTE**" que era organizado e dirigido por "São Duquinha"; o "**Navegante**" organizado por José Ferreira de Lima, conhecido por "Ceçar"; o "**Cana Verde**" com a sua canção-enredo; o "**Cabindas**" com seu traje tipicamente africano, onde predominava os ganzás, todos enfeitados com fitas multicores, além de pequenos espelhos dependurados em grande quantidade.

Tempo depois, foi criado o Bloco "**Bengala de Ouro**" sob a orientação do falecido Manoel Alexandre e auxiliado por um folião progressista que foi José de Souza Calado, de saudosa memória, onde afastado do Brejo e servidor estadual residindo em Caruaru, isto depois de haver sido comerciante e político no Brejo da Madre de Deus.

Existiu ainda o "**Bloco das Flores**". Por último, no que concerne aos carnavais antigos, José Bernardo organizou o Bloco denominado "**Brejense em Folia**" que a exemplo dos outros, também não mais existe. O povo do Brejo participava antigamente dessa festa popular de acordo com a sua condição econômico-financeira, sempre primando pela apresentação de bonitas fantasias, lança-perfumes, saquinhos de confetes, serpentinas e talcos perfumados.

Havia os "**Porta-bandeiras**", que de estandartes às mãos, visitavam juntamente com os membros dos Blocos, as principais residências da cidade, não faltando apoio da sociedade brejense. Também já era tradição o "**Bloco das Meretrizes**" composto por prostitutas brejenses e amigos destas, acompanhado por um conjunto regional com harmônica, um bombo, um reco-reco, um triângulo e um "melê". As "Mulheres perdidas" como eram chamadas, devidamente trajadas a rigor com fantasias provocadoras para a época, pois seus vestidos eram um pouco acima dos joelhos, cantavam canções picantes de então, a exemplo de uma marcha carnavalesca que em sua letra dizia:

*"Eu quero, eu quero,
Que você me dê "aquilo",
"Aquilo" é meu,
Você não pode negar..."*

Vale registrar que as "raparigas" eram todas garantidas e respeitadas, havendo até muitas famílias que as recebiam nas visitas que faziam a exemplo dos demais Blocos carnavalescos da cidade, dando-lhes bebidas e dinheiro que era posto com alfinete no estandarte do Bloco das chamadas "mulheres de vida fácil" que nada de fácil existia, segundo elas declaravam abertamente.

*Tudo terminava calmamente na manhã da Quarta-Feira de Cinza com o tradicional "**Bacalhau na Vara**" onde o então alegre e jocoso Raimundo Amaral ("**Gato Preto**"), pessoa queridíssima no Brejo, comandava a brincadeira com vários outros foliões, cujas despedidas terminavam com muita "cana" e um banho para tirar as ressacas, lá no "**Escorrêgo**", uma bica natural que faz com que o homem tenha contato direto com a Natureza.*

*Anos depois chegavam os brejenses a criar um outro Bloco, chamando-o "**Clube dos Motoristas**", que chegou a ressuscitar os alegres carnavais de outrora no Brejo da Madre de Deus, isto já no ano de 1967, tendo como baluarte dessa positiva*

iniciativa um homem voltado para o engrandecimento do Brejo, embora incompreendido por muitas mentalidades retrógradas, esse denodado chama-se Pedro Tabosa, que sempre contou com o apoio de outros valiosos amigos, dentre os quais estava José Cirilo de Albuquerque, mas incompreensões de ordem político-partidária puseram por terra todos os planos e estruturas sociais planejadas.

Hoje os carnavais, os clubes, os blocos, o Grêmio Recreativo Brejense, o Clube dos 20, o Cine Carlos Gomes, o Humaitá Futebol Clube o União Esporte Clube, a Difusora Paroquial, o Prado, a Voz do Brejo (Serviço de Som de Joaquim Vitorino), etc., acabaram.

*Finalmente, no Brejo da Madre de Deus havia um Bloco carnavalesco criado e organizado por **Pedrinho** irmão de **Ceçar** (José Ferreira de Lima), chamado de "Noca" e tinha como símbolo uma boneca enorme, que foi substituída por um estandarte todo colorido e com novo nome, por sinal uma designação que causou escândalo na cidade, pois **Pedrinho** denominou o Bloco com o seguinte título: "**QUEM FOR CORNO ME ACOMPANHE**", e muita agente mesmo sem se considerar corno, acompanhava o Bloco pelas ruas do Brejo.*

Capítulo XXII

A Serra do Ponto

O Brejo da Madre de Deus sempre se destacou pela detenção de pontos geográficos especiais, a exemplo das Serras de Jacarará, Estrago, Gavião, Cachorro e da "Serra do Ponto".

Por que essa denominação "do Ponto"?

Essa serra fica situada numa região chamada de "Amaro", adjacente à cidade, distando cerca de seis quilômetros. A denominação segundo a versão antiga, era de que os holandeses haviam edificado uma torre com pedras no topo da "Serra" mencionada, cuja elevação servia como ponto de observação militar, daí a origem do nome: "Serra do Ponto". Essa alegação se baseava também no que dissera o Frei Vicente do Salvador, na sua obra "História do Brasil-1500-1627, no Capítulo Quadragésimo Quarto, página 446, que exara:

"Não só o gentio de beira-mar se rebelou nesta ocasião dos holandeses contra os portugueses, mas também os do sertão e serra de Copaoba,..."

*No cume da Serra do Ponto existe parte dessa edificação feita com pedras trabalhadas ou escolhidas para tal e são de formato de grandes tijolos. Existe ainda no cimo da Serra e adjacente ao Ponto elevado, uma cavidade grande na laje, como se a natureza quisesse que ali fosse também dotado de um reservatório de água como para servir aos animais selvagens ou pessoas que por lá tivessem necessidade de passar. Essa cavidade tem formato de um grande tanque feito em rocha viva e é conhecida como **"Tanque da onça"**, pois é voz corrente entre os habitantes de sítios vizinhos que essa denominação foi dada face a existência de onças chamadas de **"onça de bode"**, um felino enorme e bastante conhecido na região e caatingas nordestinas, e que iam beber água ali no período da estiagem. A **"onça de bode"** tem cor alaranjada e é feroz nos ataques, tanto a caprinos como a outros animais, inclusive ao homem.*

*Ainda perto do **"Tanque da Onça"** encontra-se o **"Pináculo"**, que é uma elevação maior que se nota por sobre a famosa **Serra do Estrago**, sob lindo panorama, ligada por uma*

só pedra à Serra **do Ponto**, onde se descortina o que há de mais pujante e belo no horizonte do Brejo da Madre de Deus. Cactos e seixos de vários formatos e cores embelezam aquele **Ponto** onde plantas silvestres das mais variadas, dão um colorido quase indefinível aos olhos dos visitantes, deixando ainda todos perplexos, diante da forma de subsistência das mesmas plantas que vivem sob calorífica pedra totalmente despida, com exceção de alguma porção que se ajunta em suas raízes.

Há também a estória de que por cima da enorme laje que serve de topo da **Serra do Ponto**, ouve-se um ruído grande, "como se alguém estivesse arrastando sobre a mesma uma mala de couro de bovinos (antigamente as malas ou baús era confeccionadas com couros)".

No dia 29 de outubro de 1988, à página No. 6 do último caderno, o **JORNAL DO COMMERCIO** do Recife, publicou uma importante matéria sobre a elevação existente na **Serra do Ponto**, sob o título "**Torre é pirâmide, revela pesquisa.**" e relata:

"A Torre do Brejo, localizada no Brejo da Madre de Deus e descoberta em 1982(?!!...) é, na verdade, a pirâmide que o engenheiro Louis Leger Vauthier mandou construir em 1843, como parte dos trabalhos preparatórios para levantamento do Mapa de Pernambuco.

A revelação está contida num manuscrito localizado recentemente pelo estagiário de História, Hamilton Marcelo de Moraes Lins Júnior. No documento, Vauthier solicita ao Presidente da província o pagamento das despesas com a construção da pirâmide, orçada em 153.200 réis. Atualmente, as pesquisas desenvolvidas pela equipe de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco, sob a coordenação da Arqueóloga Jeannette Maria Dias de Lima, (há pouco tempo falecida), tentam localizar um relatório de Vauthier onde ele provavelmente descreve o projeto de construção da pirâmide.

Lenda

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas desde 1982 pela Unicap no município do Brejo da Madre de Deus, levaram à localização e desobstrução de uma pirâmide construída no cume da Serra da Boa Vista, cuja origem era

lendariamente atribuída aos caboclos e aos flamengos para observação do Porto do Recife.

Em maio deste ano os trabalhos de campo foram retomados com a realização de uma sondagem na área central da construção, sem que fosse encontrado qualquer indício esclarecedor.

Dentro havia apenas pedras sobre pedras que após retiradas foram re-depositadas segundo a técnica observada de nivelamento dos blocos de rocha, com apoio em fragmentos do mesmo material, sem utilização da argamassa.

A forma piramidal, escalonada, de base quadrada com vértices dirigidos para pontos cardeais, bem como a rusticidade da técnica construtiva, em que não foram sequer observados vestígios da utilização de ferramentas metálicas para quebrar o granito, permitiram a colocação de um leque amplo de possibilidades, históricas e pré-históricas, para explicar o monumento. Desde então, intensificaram-se as pesquisas históricas, com a colaboração da equipe da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), dirigida por Ulisses Pernambucano de Melo, convidado a dar consultoria na área de Arqueologia Histórica.

Pedra

O documento desmistificador encontrado por Marcelo de Moraes, quando pesquisava informações para o trabalho de Arqueologia Histórica executado pela Fundarpe em Vila Velha, Itamaracá, localiza a pirâmide do Brejo na Serra do Estrago, denominação local da Serra da Boa Vista.

A Torre de Pedra media cerca de quatro metros de altura no início do século, segundo antigos moradores do município. Quando foi encontrada, em 1982(...?) estava reduzida a uma altura de 1 m. e 80 cm. em decorrência da ação predatória de caçadores de tesouros. A base, entretanto, permanece preservada medindo de sete metros de lado.

Vauthier, engenheiro francês, orientador da construção da pirâmide da Serra da Boa Vista, foi também o construtor da Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus, monumento já tombado a nível estadual."

Nota do autor: quando essa matéria refere-se ao ano de 1982 como a da descoberta ou encontro da "Torre da Serra do Ponto", possivelmente está se referindo ao trabalho dos pesquisadores referidos, uma vez que essa "Torre" é do conhecimento do povo do Brejo há mais de um século.



*Foto do antigo prédio construído no Século XIX, servindo por muitos anos de sede da Prefeitura, Fórum, Câmara Municipal, e na parte inferior de **Cadeia Pública**, uma das mais seguras do Estado de Pernambuco. Hoje, somente a Cadeia e Delegacia de Polícia funcionam nesse histórico edifício. À esquerda observa-se parte do prédio onde funciona o Mercado Público Municipal.*

Capítulo XXIII

CURIOSIDADES DIVERSAS

Neste capítulo citaremos tópicos de fatos diversos ligados à História do Brejo da Madre de Deus baseados em documentos antigos, informações preciosas de pessoas idôneas e de conversas contadas livremente por gente do povo, tanto nas esquinas das ruas da cidade, como nas calçadas dos sítios e fazendas, vilas e povoados de então, todavia, sempre sob a alegação dos que transmitiam essas pequenas histórias e estórias:

"Foi o que meu avô e meu pai me contaram", ou ainda "era assim que contava o Capitão... (fulano de tal)."

Eis as curiosidades históricas:

*1- Merece atenção toda especial, o fato de no ano de 1812, o Cônego Manoel Vieira de Lemos Sampayo, rubricou e fez os "Termos de Abertura e Encerramento", na qualidade de **Provisor**, da Diocese de Olinda, da Província de Pernambuco,*

do Livro de N° 3, que serviu para "Registro de Assentos Batismais da Freguesia de Brejo da Madre de Deus", ou melhor, da Freguesia de São José do Brejo, tendo recebido a quantia de 10\$000 (Dez mil réis) distribuídos da seguinte maneira: 3\$220 das rubricas; \$160 dos Termos ; 2\$440 do Livro que continha 200 páginas; 3\$900 de Selos e \$100 do Carimbo da Diocese de Olinda.

O mencionado Cônego Manoel Vieira de Lemos Sampayo, no ano de 1817, foi Governador Interino do Bispado, quando da Insurreição Pernambucana.

2- Contam os antigos do Brejo que defronte da Igreja Matriz de São José, insigne Padroeiro do Município, havia uma **FONTE MILAGROSA**, onde os devotos alcançavam graças diversas quando utilizavam a água que ali jorrava, tanto lavando partes do corpo afetadas ou bebendo da mesma. Dizem que pessoas incrédulas e malévolas, profanaram certo dia, o lugar que era por todos respeitado, fazendo inclusive os profanadores, necessidades fisiológicas, o bastante para que a água milagrosa deixasse de jorrar e conseqüentemente desaparecessem os milagres que se vinham processando.

3-Propalavam que no tempo do Brasil Colônia de Portugal, havia no Brejo da Madre de Deus, uma **Forca** no lugar outrora chamado "**Laranjeiras**", onde existiam laranjais em grande quantidade (hoje é Rua Barão de Buíque em homenagem ao primeiro Prefeito constitucional do Brejo, Coronel da Guarda Nacional Francisco Alves Cavalcanti Camboim, onde também se situava a primeira Cadeia Pública do Brejo, posteriormente transferida no ano de 1847 para o atual lugar.

Por volta do ano de 1850 desmancharam a referida **FORCA** e a linha (madeira) superior foi servir de cumeeira de uma casa residencial na então Rua chamada por "**Avencas**", hoje Avenida Cleto Campelo, cuja casa veio a pertencer ao Sr. Joaquim Chaves, mais conhecido pelo apelido de "**Vêio Sapateiro**". Se a casa aludida não foi demolida para outra construção essa linha que serviu de "**Forca**", que na verdade era um PELOURINHO, encontra-se lá.

4- No ano de 1802, na residência do **Capitão Izidório José Dias dos Santos**, na "**Fazenda Amarela**", jurisdição do Brejo da Madre de Deus, Província de Pernambuco, a quem mui respeitosamente, o povo chamava de

Comandante Izidório, foi pelo Padre João da Maya Collaço, oficiado o batismo de uma criança chamada **Luíza**, filha que era de uma escrava-solteira de nome **Roza**, natural de Angola-África. Dois índios serviram de padrinhos, também batizados com os nomes de José Lopes Tavares e Angélica Tavares.

Neste mesmo dia foi ainda batizado um menino índio que tomou o nome de João em homenagem ao Padre João sendo o pai dele índio, chamado Ignácio das Montanhas.

5 - Disseram que muitas pessoas consideradas ricas nascidas no Brejo, algumas já falecidas e que as famílias herdaram fortunas, assim ficaram por terem encontrado tesouros enterrados ("botijas") em casas antigas. Como sabemos no Brejo antigo residiam a "fina flor" do Sertão e do Agreste de Pernambuco, portadores de fortunas invejáveis àquela época. Residiram no Brejo Ouvidores, Barão, altos comerciantes, fazendeiros famosos, etc., e como naquele tempo não haviam Agência de Banco na cidade, muitos desses senhores feudais chegavam a enterrar em suas casas e propriedades o que dinheiro e jóias que possuíam, com receio de assaltos efetuados por bandidos(cangaceiros), ficando muitos tesouros enterrados após as mortes destes senhores, face ao segredo que mantinham até mesmo entre os familiares dos detentores de grandes recursos.

A história ou estória, mais conhecida entre outras sobre "botijas" desenterradas no Brejo, é a de um cidadão pobre que era conhecido por "Manoel Amarelo", que sendo pedreiro estava demolindo paredes internas de uma casa que ficava junto ao prédio do antigo Cine Carlos Gomes, onde já funcionou uma "Casa de Bilhares" pertencente ao Sr. Tóta, já falecido, quando em dado momento deu com uma caixa grande em madeira de lei, cheia de dinheiro.

O desventurado e pobre pedreiro, pasmado com o achado, resolve chamar o dono da casa para mostrar-lhe o achado, pelo que foi imediatamente repreendido, com estas palavras:

"Quem mandou o senhor mexer nesse lugar? Ora, eu escondo o meu dinheiro para ladrão não roubar, e o senhor quer arrancá-lo?"

E "Manoel Amarelo", apenas respondeu:

"Me desculpe são Bernardo, eu não sabia."

Tempo depois, "Manoel Amarelo" recebeu do "dono da botija", dinheiro para comprar uma casinha para ele, que na época custou 100\$000(Cem mil réis).

Capítulo XXIV

Cangaceiro José de Arruda

Nas décadas de 1950/1960 ocorreram no Brejo da Madre de Deus formações de grupos de facínoras, que por diversos motivos cometeram crimes hediondos, além de semear o ódio e o pavor a pacatos proprietários rurais. Muitos desses componentes de agrupamentos criminosos eram chamados de "cangaceiros".

Destacaram-se como líderes de "bandos": Antônio Godê (este na década de 1920) e José Arruda, "Senhor Marques" e "Cazuza" no período acima mencionado. José de Arruda teve base econômica recebendo apoio de proprietários de engenhos de açúcar, no especialmente lugar "Sítio Tabocas", onde o Brejo teve a sua fundação.

João Biluca era quem fazia a coleta para José Arruda, que recebendo o dinheiro, só voltava no fim de cada ano, não molestando ninguém ali era, pois, um homem muito respeitador, e não entrava numa casa sem que o dono estivesse, mesmo que a esposa e filhos autorizassem.

Certa vez José de Arruda mandou pedir dinheiro a um determinado proprietário, e este mandou dizer que ao dito

não daria, razão pela qual José de Arruda e seus quatro "cabras" o atacaram, de cujo encontro houve ferrenha luta corporal e posteriormente tiroteio, resultando no saldo lamentável de três mortes, sendo a do proprietário que recusara atender o "cangaceiro" e mais dois amigos deste, enquanto José de Arruda saía ferido da contenda, indo tratar-se na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Esta briga aconteceu no lugar "Bandeira" adjacente ao então Povoado de São Domingos, pertencente ao Brejo da Madre de Deus.

*José de Arruda tinha muita confiança em um dos seus homens, chamado por "**Manú**", que era valente e perverso, já tendo cometido inúmeros crimes de morte, sem que nunca tivesse sido preso ou condenado, e todos do dito bando até hoje, ficaram impunes pela justiça da terra, que não teve meios necessários para julgá-lo. José de Arruda em determinado dia, resolveu mandar um recado para o Chefe Político e fazendeiro no Brejo, Abílio Telmo da Rocha Barros, pedindo-lhe dinheiro, tendo como resposta, "**Que não ajudaria um homem que matara um seu empregado de confiança**" (José de Arruda havia morto em luta, a **Berto**, no lugar Sítio Bandeira). Ao receber a resposta do Sr. Abílio Telmo, José de Arruda mandou pedir-lhe desculpas, dizendo: "que matou o seu ex-empregado em luta e para não morrer, pois nunca havia encontrado homem tão valente."*

No ano de 1959, precisamente no dia 30 de janeiro, numa sexta-feira, por volta do meio-dia, chega sorrasteiramente à Vila de Fazenda Nova, 2º. Distrito do Brejo da Madre de Deus, o facínora José de Arruda e seus "cabras", e foram "hospedes" do então Chefe Político da UDN (União Democrática Nacional) naquele Distrito, que no dia seguinte, 31 de janeiro de 1959, passaria a ser homem prestigiado pelo Governador de Pernambuco, Cid Sampaio, isto depois de passar 30 anos sem prestígio governamental.

José de Arruda depois de manifestar a sua amizade ao referido futuro Chefe Político, e ter ouvido deste as decepções e as perseguições sofridas por ele e seus familiares, injustamente pelo então Chefe Político do PSD (Partido Social Democrático), ofereceu o dito "cangaceiro" seus préstimos dizendo que **"o dia bom para que eu mande matá-lo é hoje"** e concluiu: **"deixe comigo e meus homens, ninguém vai saber de nada."**

Como o então futuro Chefe Político sempre fora um homem pacato, começou a ficar emocionado de tal forma, que quase chora, e disse para José de Arruda:

"Zé, eu lhe agradeço a atenção que você me tem, mas quero lhe fazer um pedido. Não mande fazer isto. Deus tomará conta de tudo, e de agora em diante nós é que vamos mandar aqui, e ele (o adversário) vai pagar de outro jeito."

José de Arruda ao ouvir as palavras do amigo, disse-lhe: "Está bem, você não quer assim? Assim seja."

Depois, conversando com uns amigos, José de Arruda comentava:

"Depois do aquele amigo me disse que sofreu e não quer vingança, eu só entendo ele, como um homem fraco."

É que José de Arruda tinha conhecimento das perseguições políticas e injustas que aquele líder político havia sofrido e queria "tomar as dores" por ele. Tempo depois essa intriga foi diminuindo a ponto de que quando o antigo Chefe Político morreu o novo Chefe até ajudou a carregar o esquife ao Cemitério de Fazenda Nova. O mesmo aconteceu com os familiares do falecido, que ao morrer tempo depois o outro Chefe foram também ao sepultamento dele.

No mesmo dia, (sexta-feira), 30 de janeiro de 1959) José de Arruda viajava num Jeep (jipe) que viera do Brejo para levá-lo para o lugar "Salobro", junto com os seus "homens", tendo de lá rumado para o lugar "Tabocas" e dias após para o Estado do Ceará, onde estava residindo e que tinha uma propriedade rural.

Capítulo XXV

"Senhor Marques e Cazuzza"

Nascidos e criados no interior do Município do Brejo da Madre de deus, nas localidades denominadas "Caldeirão" e "Tambor", onde quase todos os moradores das região são direta ou indiretamente parentes, "Senhor Marques" e um seu sobrinho chamado por "Cazuzza", espalharam o terror em vários municípios do Estado e também em alguns do Estado de Alagoas. Tudo começou pela sede de vingança, querendo eles fazer justiça com as próprias mãos, após conseguirem fugir de uma Penitenciária e segundo diziam, havia sido da Penitenciária de Itamaracá, utilizando "capembas" de coqueiros, para saírem da Ilha. Juntamente com o citado sobrinho, "Senhor Marques" planejou ações maquiavélicas para por em prática contra pessoas que lhes acusaram quando foram presos em Brejo da Madre de Deus sob alegações de furtos de animais, o que eles sempre negaram, dizendo-se ambos, completamente inocentes, e tanto foi assim, que até hoje familiares deles, dizem o mesmo, além de outras pessoas da região.

Mas para a dupla criminosa, só mesmo a vingança lhe satisfaria, e entrara de imediato na senda do crime, agredindo aquelas pessoas que os haviam denunciado na Polícia e Justiça, dando nessas pessoas pisas com chicotes e pedaços de borracha de

pneus, deixando-as todas com o corpo quase roxo e ainda a ameaça de que caso se queixassem à Polícia, seriam mortas.

Porém, as agressões foram tantas que a Polícia tomou conhecimento de tudo, e o Delegado da época, Tenente Queiroz e posteriormente o Sargento Amaro Manoel da Silva, pediram reforços e volantes policiais embrenharam-se caatinga à dentro nas regiões de Tambor, Açudinho, Caldeirão Bandeira, zona rural do Município, nunca no entanto, tendo encontrado os mesmos, que chefiavam outros criminosos perigosos, também fugitivos de Presídios alagoanos.

Muitas pessoas foram presas e denunciadas como "Coiteiras", embora algumas estivessem inocentes, a exemplo do fazendeiro e ex-Vereador José Cupertino de Souza, (Zé Candú), já falecido, que foi intimado à Secretaria de Segurança Pública para informar sob pressão, onde se encontravam os "cangaceiros", como eram chamados os fugitivos "Senhor Marques e Cazuzá". E só não foi trancafiado graças a interferência do então Juiz de Direito Dr. Benildes de Souza Ribeiro, que foi com o denunciado àquela Secretaria para esclarecer que Zé Candú era um homem de bem, um dos grandes fazendeiros do Brejo e político militante da ex-UDN, sendo inclusive Vereador, e que tudo contra ele existente na Delegacia de Polícia e remetido à Secretaria da Segurança era fruto de rixas políticas locais, efetuadas por integrantes do PSD da época, Partido a quem Zé Candú combatia declaradamente. Muitos policiais (Soldados da PM) que integravam as temíveis

"Volantes" a procura dos criminosos aludidos passaram a promover desmandos nas regiões onde atuavam contra "Senhor Marques e Cazuzza", pedindo dinheiro e armas, espancando pessoas que se recusavam a presentear-los e não oferecessem a eles boas comidas e até a ameaçarem jovens que não queriam submeter-se às conquistas amorosas dos mesmos. Passaram a ser os policiais mais temidos e mais indesejáveis que os bandoleiros. Por esse comportamento reprovável de alguns desses policiais, porque não eram todos que assim faziam, as diligências começaram a serem dificultadas e ninguém colaborava com as "Volantes", pelo contrário, o povo prejudicado começou a avisar aos mencionados criminosos quando a Polícia seguia a procura deles na região onde os mesmos se homiziavam, e eles ao tomarem conhecimento se deslocavam para cidades da Mata-Sul do Estado, onde atacavam "Barracões" de Usinas de Açúcar e estabelecimentos comerciais, rumando muitas vezes depois dessas ações criminosas para o Estado de Alagoas que ficava perto. Certa vez o grupo comandado por "Senhor Marques e Cazuzza", numa Quarta-Feira, do mês de março de 1959, assaltou ousadamente, em plena luz do dia, um caminhão com feirantes que vinham de Caruaru para a feira de Fazenda Nova, deste Município, bem perto da aludida Vila, tomando dos ocupantes do caminhão não só dinheiro, mas algumas mercadorias, como gênero alimentício. A Polícia era avisada e não encontrava roteiro nenhum. Foi quando que o Delegado pediu à Secretaria da Segurança Pública

mais policiais, e mandaram mais 50 soldados, que chegaram numa Sexta-Feira à cidade do Brejo da Madre de Deus e no dia seguinte, Sábado, dia da feira livre, passaram a passear pelas ruas, imitando até turistas que vinham de Fazenda Nova, e havia até um Soldado de com uma Bíblia à mão, pregava o Evangelho aos feirantes. Ao meio-dia, um outro Soldado Corneteiro, dava o "Toque de recolher" e todos iam para o prédio da Cadeia que servia de Quartel. Ora, a esta altura "Senhor Marques e Cazuzza" e seus "Cabras", se estivessem em território do Brejo, eram imediatamente cientificados pelos parentes e amigos que freqüentavam a feira da cidade. Nada de captura dos fugitivos de Itamacará, que continuaram a desafiar por muito tempo a Polícia encarregada das prisões deles.

Já no último semestre de 1959, um militar também do Brejo da Madre de Deus, Sargento Abelardo Calumby, famoso quando empreendia caça à criminosos, conseguiu dismantelar e desbaratar o grupo de "Senhor Marques e Cazuzza", isto no Município de Águas Belas limites com o Estado das Alagoas.

Aconteceu que "Senhor Marques e Cazuzza" fizeram um assalto a um barracão de uma Usina no Município de Escada, deste Estado, desentenderam-se quando da partilha dos produtos do roubo, e foi tão grande a desinteligência havida, que os dois entraram em luta corporal, tendo "Cazuzza", que além de jovem e forte, era mais perverso, deflagrado vários tiros de rifle calibre 44 no tio, matando-o . Localizado "Cazuzza", pela "Volante" do Sargento Calumby, e cercado num pé de uma serra, ainda no território do Município de Águas Belas, recebeu voz de prisão, tendo respondido que não se entregava e que morreria lutando. A Polícia foi se aproximando e "Cazuzza" resistindo a voz de prisão abriu fogo contra os militares da " Volante ", aí, o Sargento Calumby fez cerrado tiroteio contra o mesmo, conseguindo matar "Cazuzza", que teve seus pertences entregues à Justiça de lá. Depois de sua morte, o pai de "Cazuzza", já bastante velho, tentou receber esses pertences, inclusive um "burro arriado" de bom valor e não conseguiu.

Quando vivo, "Cazuzza e Senhor Marques" pretenderam vingar-se também do então Comissário de Polícia do Brejo da Madre de Deus, que era Antônio Valentim (falecido), comerciante local, a quem eles culpavam por suas prisões, e os

espancamentos que sofreram, e que até morrer se diziam inocentes da primeira acusação, isto é, de roubos de bodes na região onde moravam, e alegavam que havia sido Antônio Valentim que os fizeram bandidos. Certa noite, "Cazuza e Senhor Marques", em abril de 1958, tentaram entrar na cidade do Brejo para vingar-se de Antônio Valentim, que nessa época era proprietário da "Sapataria Santo Antônio", situada no início da Rua Cleto Campelo. A cidade ficou em polvorosa e muitos comerciantes se armaram, inclusive a Polícia ficou de prontidão e até o ensaio da Banda Musical São José, foi suspenso, mas "Senhor Marques e Cazuza" não apareceram.

Passados alguns anos da morte de "Senhor Marques e Cazuza", o Sargento Calumby, já reformado como Capitão da Polícia Militar de Pernambuco, elege-se como candidato único Prefeito do Brejo da Madre de Deus, demonstrando capacidade administrativa admirável e honesta, mas sofrendo um colapso cardíaco, não concluiu o seu mandato. Pertenceu à Aliança Renovadora Nacional, Partido do Governo da Revolução de 1964.

Capítulo XXVI

Arara - um cangaceiro engraçado

*O fato mais pitoresco no que concerne aos chamados "cangaceiros" da década de 50 deste Século no Município do Brejo da Madre de Deus é a história ou mesmo a estória vivida por uma pobre criatura, nascida pura como todas as crianças que nascem, e que na Pia Batismal da Matriz de São José do Brejo, tomou o nome de **Severino**, Severino Gregório da Silva, mas que todo mundo no Brejo e região, chamava-o pela alcunha de "**ARARA**", apelido que ganhou pelo som de suas risadas, semelhante às araras.*

*A falta de uma boa orientação moral e apoio da sociedade organizada, o encaminhou para a senda do vício que abate e fere a moral da pessoa humana, e o **Arara** não foi outra Coisa, senão, mas uma vítima da sociedade. E se dizia: "**Arara tem todas as faltas, até falta de ar.**" Era quase assim, mas ele tinha algumas coisas positivas. Fascinado quando jovem pelas atitudes divulgadas como heróicas, bravas, de cangaceiros como Antônio Silvino, Lampião, Corisco, Antão Godê. **Arara**, pobre, sem nenhum*

dinheiro, sem apoio de ninguém, sem escola, passando fome até, passou a servir de instrumento de potentados e políticos do Brejo, que o colocaram indiretamente e as vezes até diretamente, na senda do crime, embora Arara fosse tímido, raquítico e despreparado culturalmente.

Tudo começou quando políticos brejenses deram a Arara uma condenável missão: roubar um cavalo que se encontrava apreendido no Depósito da Prefeitura Municipal, cujo proprietário era adversário do então Prefeito do Brejo que ordenara a apreensão do animal por se encontrar perambulando sempre pelas ruas da cidade.

Arara fazia assim, a sua primeira "prova de fogo" incentivado por pessoas maldosas que o utilizaram a troco de irrisória quantia, para o cometimento do seu primeiro crime.

No dia seguinte o "serviço" estava afeito com perfeição, que mereceu dos políticos patrocinadores, muitos elogios à Arara o que lhe fez pensar que era importante, um herói, um elemento que seria capaz de executar outras tarefas mais sérias e mais perigosas. Arara enfim, concluiu que era útil. Foi aí que começou a perdição dele. Envaidecido começou a participar de farras, entregando-se a vícios diversos, inclusive à pederastia passiva, mas Arara gostava de fazer favores, levar recados, e não fazia mal a ninguém. Sempre soube ser grato a quem lhe beneficiava, era uma das suas qualidades positivas, pois as

negativas lhes foram outorgadas por pessoas mesquinhas.

Estando no auge o cangaceiro José de Arruda, inclusive com as três mortes por ele e seus comparsas realizadas no lugar "Bandeira", quando o povo da região só falava com medo de José de Arruda, Arara resolveu tirar proveito dessa situação, onde o temor campeava no meio rural do Município do Brejo. Iniciou a sinistra "empreitada" no crime colocando uns bilhetes que ele mandava fazer pondo bala de rifle 44 dentro da carta, por baixo das portas de casas de fazendeiros, pedindo dinheiro em nome de José de Arruda. Dois dias depois, apresentava-se na casa onde havia colocado o bilhete ameaçador, dizendo-se portador de José de Arruda, recebendo dinheiro, embora pouco, e recomendando a que não se queixassem a Polícia, pois podia ser pior. Arara com esse dinheiro, comprava de roupas de vaqueiro, fazia farras e pagava bebidas alcoólicas para todos que estivessem com ele, naquele momento.

Pessoas ligadas a José de Arruda tomaram conhecimento desse procedimento por intermédio de fazendeiros que estavam estranhando um homem perigoso e temido como José de Arruda, mandar buscar dinheiro por Arara, e ainda mais receber importâncias insignificantes, que os fazendeiros já enviavam esperando uma reclamação da parte dele, por desconfiar de Arara.

José de Arruda cientificado das trapalhadas de Arara, ficou danado da vida, pois não admitia safadeza, mas não conseguiu pegar o impostor, tendo os prejudicados resolvido ir prestar queixa à Polícia contra Arara. Dias após a queixa, veio do recife uma "Volante" da Polícia Militar com a finalidade de prender o "perigoso" Arara, que usava roupas típicas dos famosos cangaceiros de Lampião, e portava uma pistola "comblaim", que havia roubado da oficina mecânica de Chico de Marçal (Marçal era um famoso ferreiro e muito querido no Brejo), cuja pistola tinha o seu cano todo envergado, uma vez que a dita arma estava imprestável até para conserto, mas Arara a portava em uma bonita cartucheira cheia de balas de calibres diversos.

Tendo o Comandante da "Volante" policial sido informado de que Arara se encontrava perto do Povoado de Passagem do Tó, há época pertencente ao Brejo e hoje ao Município de Jataúba, os soldados encarregados da captura dele rumaram para lá, e como essas viagens de "Volantes" era feitas a pé, Comandante saiu perguntando as pessoas que encontrava, se haviam visto o "cangaceiro Arara", e em dado momento, por volta do meio-dia, o Sargento da "Volante" perguntou a um homem que se dirigia em sentido contrário, isto é, vinha de Passagem do Tó para a estrada que dá acesso ao Brejo e Jataúba, o seguinte:

"Cabra você viu o cangaceiro Arara por aí? "

O homem respondeu:

"Não senhor. Eu ouço falar dele, mas não conheço ele, não senhor, e nem sei onde ele está, não senhor."

Nesse momento, um Cabo velho da Polícia acostumado a lidar com esse tipo de gente, partiu para cima do homem e pegando-o pela gola da camisa, disse-lhe:

"Cabra safado, Arara não é você mesmo?"

E o dito homem tremendo respondeu: "Por favor, pelo amor de Deus, não me mate não." Era de fato Arara querendo enganar a Polícia. E os soldados começaram todos a sorrir e exclamarem:

"Ôxe, e o cangaceiro que nós viemos prender é esse Cristo?!?!".

E concluíram dizendo com menoscabo:

"Isso aí não agüenta um murro."

Mesmo assim, **Arara** tentou fugir no caminho para a cadeia do Brejo, tendo dado um empurrão no Sargento Comandante da "**Volante**" e recebido uma pancada com o "coice" do fuzil de um soldado, caindo por terra vomitando sangue. Posto na Cadeia Pública da cidade do Brejo pessoas caridosas deram-lhe remédios, comidas e roupas. Poucas semanas depois ele foi posto em liberdade.

Restabelecido da surra e da pancada que sofreu, **Arara** arquitetou novo plano para ganhar dinheiro, e mais uma vez influenciado, desta vez por curandeiros que "faziam a feira" no Brejo. Resolveu **Arara** ser um deles. Arranjou uma pasta velha de couro, um chapéu também de couro, "quebrado" à testa, um alicate, comprou um bocado de pastilhas de hortelã da marca "Beija Flor", e começou a "receitar" simples matutos nos sítios, ministrando-lhes os "milagrosos caxetes" que eram tomados sob sua recomendação, de quatro em quatro horas. O "negócio" estava indo bem até aí, e **Arara** além de dinheiro das consultas, ganhava presentes de galinhas, ovos, etc. , pois os seus clientes, nenhum havia reclamado nada.

Arara inventa agora de ser Dentista e foi a sua segunda derrota. Começou a extrair dentes com o alicate que possuía sem utilizar qualquer anestésico . Metia o alicate e mandava tomar os seus "caxetes", que não ofendendo, também não serviam para nada, e começaram os problemas de hemorragias,

inchações e infecções várias.

*Procurando socorros médicos os prejudicados revelavam como havia acontecido aquilo. Lá vai novamente a Polícia a procura de **Arara**, não o encontrando, pois fugira para o Estado da Paraíba que então se limitava com o território do Brejo através de Jataúba que era Vila.*

*Meses depois, nunha bela noite de lua cheia, o Suplente de Delegado em exercício de Delegado de Polícia, Antônio Valentim e soldados do Destacamento local, cercaram a casa de **Arara** que ficava perto do Povoado de "Cacimba de Pedro", adjacente à cidade do Brejo, e em voz alta falou o Delegado:*

"Arara, você está preso. Não tente fugir que morre. Saia direitinho. Vista a roupa e saia com as mãos para cima. Vamos Arara!"

*Aí **Arara** respondeu que ia sair e que não tentaria fugir como das outras vezes. Veloz, juntou umas roupas que havia ganho de Nelson Falcão, amarrou um cinturão ao meio, verificou que ali estavam três policiais na frente da casa e apenas um na porta da cozinha, que era o soldado Paulino Batista, seu conhecido e filho do Brejo. Abriu devagar a tramela da cozinha e pisando nas pontas dos dedos, disse que ia sair, e para surpresa de todos*

sacudiu o "bolo de roupas", que os policiais caíram em cima pensando que era *Arara*, que abrindo a porta de trás, meteu a cabeça no soldado Paulino, pulou uma cerca de arame e danou-se de mato adentro, indo parar no lugar "Tambor" onde ao amanhecer começou a sentir tonturas e um suor quente a correr-lhe pelo rosto. Era que havia levado um corte de arame farpado ao pular a cerca na hora da fuga.

Daí por diante *Arara* passou muito tempo sem querer e sem poder aparecer no Brejo, porém, seis meses depois, inesperadamente, surge na feira que é no sábado, tomando umas e outras, e de grogue em grogue, ficou valente e teve uma alteração com um conhecido comerciante local, chamado por "João Maduro". *Arara* fisicamente era uma miséria, enquanto João Maduro era forte, mas *Arara* depois que estava "quente" subestimava essa diferença, fosse com quem fosse, e provocando João Maduro, este o desafiou para que *Arara* lhe batesse no rosto, dizendo-lhe:

"Taí *Arara* a minha cara, bate nela pra tu ver o que te acontece!"

E *Arara* sem titubear apanhou um tijolo de uma pilha que estava encostada, e meteu o tijolo no pé do ouvido de João Maduro, e saiu em desabalada carreira, não tendo sido preso porque fugira novamente, enquanto João Maduro fora medicado na Farmácia do Sr. Amaury de Barros Correia e prestara queixa na

Delegacia de Polícia.

No sábado seguinte, **Arara** como se nada tivesse feito, voltava à feira do Brejo e aí foi preso, mas ao aproximar-se do prédio da Cadeia soltou o cinturão no qual era sustentado, fez finca pé e correu, deixando o policial com o cinto na mão, sem que nenhuma ação fosse possível efetuar, pois era dia de feira e a Cadeia fica defronte do Mercado de Farinha e o policial não ia atirar no preso com receio de atingir quem nada tinha com o caso.

Arara tornava-se uma figura interessante pelas presepadas que fazia, e a juventude da época gostava disso e até insuflava **Arara** a fazer novas diatribes. Certo dia da semana **Arara** apareceu no "**Campo de Futebol**" que ficava onde hoje é a Prefeitura até o Posto de Saúde, e a turma moça resolveu botar **Arara** para jogar futebol no treino, pois ele grande corredor, não havia no Brejo quem corresse igual a **Arara**. De fato ele corria muito, mas não sabia jogar futebol, e ele correndo atrás da bola, era a coisa mais engraçada da vida. **Arara** de calção comprido e frouxo, canelas finas, olhos grandes, muito magro e correndo a procura da pelota, sem saber a qual lado pertencia. Mas foi nesse treino, quando ninguém esperava que o Delegado de Polícia, Sargento Esperidião, à paisana, efetua a prisão de

Arara, e como sempre, ele não reagiu, e com os olhos grandes num corpo magricela, quase chorando, falou para o Delegado:

"Sargento, pelo amor de Deus, deixe-me vestir a minha roupa aí em casa", apontando para uma casinha que ficava à margem do Campo de Futebol, e o Delegado compadecido, disse: "Está bem, mas não tente fugir, pois desta vez você se arrependerá se fizer isso."

E Arara demonstrando pressa entrou na casinha que havia mostrado ao Delegado e dois ou três minutos depois, o dono da casa aparecia à porta virado no diabo, dizendo-se roubado e chamando Arara de cabra safado, ladrão e outros adjetivos. É que Arara entrara na casa que não era dele e ainda havia levado a carne de charque que estava assando sobre uma grelha no fogão. O Sargento por sua vez virou-se e perguntou: "E Arara não mora aqui?" Graças a Deus não senhor. Aquele bandido não tem morada não. Aquilo só se matando, disse o velho "Manoel Manteúdo".

E a turma jovem que presenciava tudo, silenciosa para que o Delegado não virasse a encrenca para cima dela, tinha o que comentar a noite nas calçadas, e logo a cidade tomava conhecimento de mais uma presepada de Arara.

Arara faleceu, e Deus certamente o perdoou.

Capítulo XXVII

Chiquinha - a pedinte

*Quem em Brejo da Madre de Deus, nascido há 40 ou mais anos atrás, não se recorda de uma pedinte que perambulava pelas ruas da cidade com uma rôta boina à cabeça, pedindo esmolas e contando a história triste de sua vida? Quem desse tempo não se recorda das lamentações e das palavras desordenadas que **Chiquinha**, uma pobre criatura humana que vivia a implorar a caridade pública?*

*Uma decepção passional tornou-a numa débil mental, entregue à própria sorte, sofrendo as agruras da vida, pedindo esmolas e alimentando-se somente um pouco das esmolas recebidas, pois juntava quase tudo que se referia a alimentação, e em lugares ermos e debaixo dos pés de avelozes e de outras árvores existentes outrora na periferia da cidade, mais precisamente por trás das casas de "Avenças" (Rua Cleto Campelo), e distribuía com as galinhas e pintos que não eram seus. E de tanta abnegação com essas aves, elas se acostumaram com **Chiquinha** a ponto de se alimentarem no seu "colo" (colo aqui como se dizia no Sertão, é sobre as pernas de quem se encontra sentado) e muitas comiam os alimentos que colocava em suas mãos.*

*Era a felicidade que **Chiquinha** encarava. Ela pedia esmola para ela e para seus "filhos" como alegava. Mas havia um sério problema. É que **Chiquinha** não era dona das galinhas e dos pintinhos que alimentava e as vezes dava tanto comer aos recém nascidos galináceos, pois antigamente se criavam galinhas soltas nos quintais e ruas, que chegavam a morrer empapados, e aí surgiam as reclamações das proprietárias. **Chiquinha** por sua vez nem ligava, e tinha algo de respeitável que despertava a atenção de muita gente do Brejo naquele tempo. É que sendo uma mulher de mais de 50 anos, tida como louca, esmolando, sabia ler e escrever, o que muitas senhoras donas das galinhas não sabiam.*

***Chiquinha** contava sua triste história. Contava que havia sido noiva e ocupava o cargo de Professora Rural quando jovem, lá no Estado da Paraíba, que até certo tempo se limitava com o Brejo e fora traída por uma amiga que fugira com o seu noivo, deixando-a desolada para sempre.*

*Francisca Maria de Lima - **Chiquinha**, passou então a sofrer das faculdades mentais e diante disto, não quis viver mais naquela região do Sertão paraibano, vindo para Pernambuco, vivendo algum tempo na cidade do Brejo da Madre de Deus.*

Muitas pessoas curiosas que até ajudavam a **Chiquinha**, davam-lhe pedaços de jornais para que ela demonstrasse que sabia ler e escrever, e **Chiquinha** ainda fazia a leitura corretamente. Tinha **Chiquinha** ainda a mania de juntar rótulos de carteiras de cigarros vazias, e colocava-as devidamente organizadas sobre a sua cabeça que tinha a proteção de uma **boina de pano**, que ela mesma conseguia fazer. A garotada adolescente da época não mexia muito com **Chiquinha**, pois os meninos colecionavam também rótulos de carteiras vazias de cigarros de variadas marcas, como: **Astória, Victor, Hípicos, Bervely, Selma, Hollywood, Continental, etc.**

Costumavam os adolescentes da época pedir rótulos a **Chiquinha** em troco de comida ou de moedas, uma vez que ela tinha maior facilidade de conseguir esses rótulos, pois andava pelas ruas e becos a cata desses e de outros papéis.

Já velha, subnutrida, desamparada, **Chiquinha** morrerá como quase todos os pedintes débeis mentais que andam pelas ruas do Mundo. Que Deus a tenha na Sua Mansão Celestial.

Capítulo XXVIII

Báu - um ajudante de caminhão

Dentre os inúmeros "Ajudantes-de-caminhão" que existiam no Brejo da Madre de Deus, nas décadas de 50/60, um sofria de certo desajuste mental, mas que trabalhava como um cão danado e dispunha de muita força física. Era conhecido simplesmente pela alcunha de "Báu", e havia até quem o chamasse de "Báu doido".

Certa vez, foi preso na cidade de Caruaru e até torturado pela Polícia de então, sob a condição onde se encontrava um criminoso de morte, que era dono do caminhão que "Báu" estava descarregando para ganhar o seu sustento.

É que o proprietário do veículo após o crime praticado no "Baixo Meretrício" mandou que "Báu" fizesse o descarrego do caminhão num armazém situado no lugar chamado ainda hoje de "Sertanejo" na cidade de Caruaru, e fugira para evitar a prisão em flagrante. "Báu" foi quem pagou o pato sem saber do que havia acontecido. Negou até não poder mais falar. Apanhava da polícia para dizer mais não dizia, e não dizia porque não sabia mesmo de nada.

Já era meio desmantelado do juízo, e aí é que ficou

pior. Foi posto em liberdade, por haver a Polícia sabido de que ele era inocente e doente mental.

*Quem quisesse aperreá-lo, xingá-lo, era somente chamá-lo por um apelido que os moleques da época havia posto, isto é, chamá-lo de "**Cristo-Rei**"*

*Um dia qualquer, maldosamente, sem que um outro doente mental soubesse ou entendesse, um moleque da sociedade local mandou que ele chamasse '**Báu**' pelo referido apelido dizendo que ele gostava de ser assim chamado, o outro doente chegando perto dele perguntou: "**Cristo-Rei, tudo bom?**". E "**Báu**" sem titubear foi dizendo também: "**Cristo-Rei é você seu cabra safado.**"*

E em seguida enrolaram-se numa briga feia e foi um Deus nos acuda para apartar um do outro.

*Quando o Sr. Napoleão Nogueira, de saudosa memória, assumiu o cargo de Prefeito do Brejo, procurou melhorar entre outras coisas, o aspecto das praças da cidade, e a Praça Pedro Guenes, chamada antigamente de "Parque" ou de "Palanque", necessitava e algumas melhorias e uma delas obrigava ao Prefeito mandar cortar um "pé de azeitona", cuja árvore era de grande porte. Propôs o Prefeito Napoleão Nogueira a "**Báu**", a tarefa do corte da azeitoneira. O desejo do Prefeito foi em*

ajudar a um pobre, que inclusive vinha lhe pedindo trabalho para que pudesse comprar um par de alpercata. O Prefeito lhe ofereceu a soma de QUATRO MIL RÉIS para cortar a frondosa e velha árvore existente ali. "Báu", ao ouvir a proposta de pagamento, respondeu e perguntou imediatamente na presença de muitas pessoas:

"O senhor está pensando que eu sou doido, é?"

E o Prefeito enfatizou:

"Não, Báu. É que só vale isto mesmo."

Amigos do Prefeito Napoleão Nogueira que assistiram ao diálogo, confabularam com ele e disseram que quatro mil réis era pouco, que ele desse dez mil réis, pois assim, "Báu" compraria a alpercata e ainda sobraria um pouco para alimento. Napoleão que era um homem dotado de espírito caritativo e bom, dissera:

"Báu, vou lhe dar dez cruzeiros, mas comece logo a cortar o pau, certo?"

E "Báu" também respondeu imediatamente:

"Olhe, seu Prefeito, para me roubar eu tô acordado. Inda agora o senhor me dava quatro mil réis e agora só quer dá dez cruzeiros, porque?"

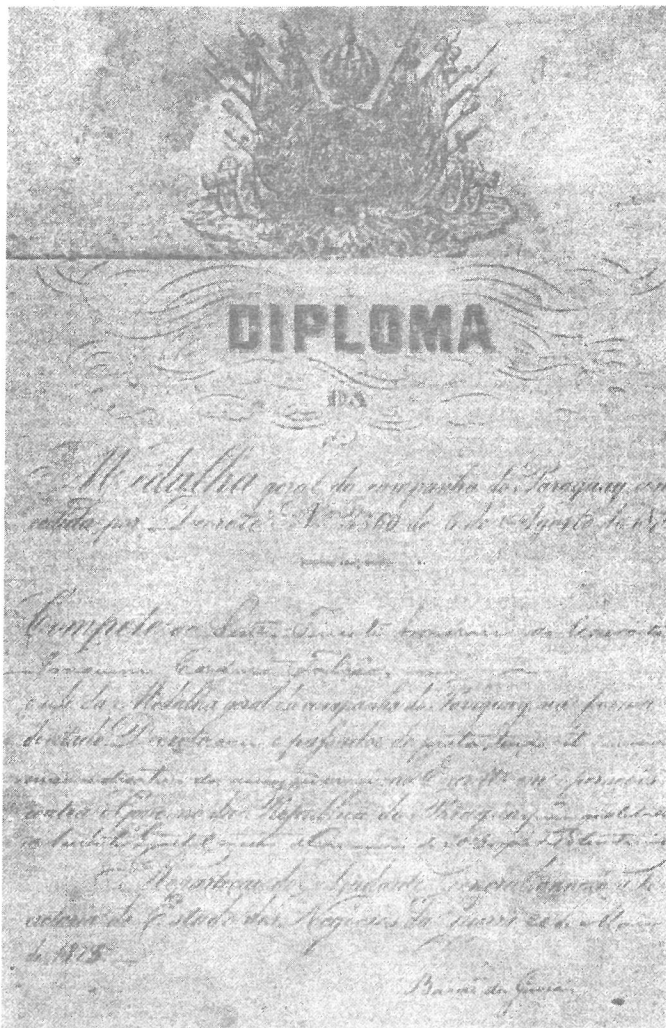
Depois de muitas explicações, "Báu" resolveu cortar a machado a árvore, por "oito mil réis". Ele achava que 8 era mais do que 10.



Jornalista José do Patrocínio Oliveira, um amante e defensor do Brejo e sua gente. Brejense, orgulha-se de sua terra. Culto, famoso no âmbito da imprensa escrita, notadamente através das páginas do Jornal do Commercio, do Recife, onde passou quase toda a sua existência profissional, e ainda como correspondente de jornais estrangeiros, e um exímio conhecedor da gramática portuguesa. É bisneto do Herói da Guerra do Paraguai, Capitão Joaquim Cordeiro Falcão. Reside em Recife.



*Última foto do então **Capitão Joaquim Cordeiro Falcão**, Herói da Guerra do Paraguai. Parte de sua história será relatada no Volume V, da História do Brejo da Madre de Deus. Um grande brejense.*



" Diploma da Medalha Geral da Campanha do Paraguai, com passador de prata, concedido ao então Tenente Joaquim Cordeiro Falcão, depois Capitão, pelos cinco anos que serviu no Exército em operações contra o Governo da república do Paraguai, honrando a Pátria brasileira e a sua terra natal o Brejo da Madre de Deus."